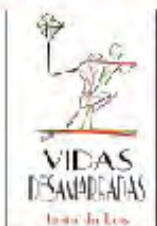
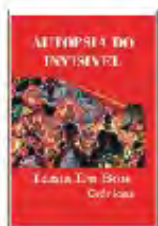




Na Sombra
TÂNIA DU BOIS
dos Sentidos

"...Não há mais sossego/...
Que modos de ser / felizes
nos farão?"

(Antônio Brasileiro)



NA SOMBRA

DOS SENTIDOS

Tânia Du Bois

crônicas

1ª Edição

setembro 2019



Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetoassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

1ª Edição, Setembro 2019

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Capa, ilustrações e diagramação: Tânia Du Bois

Arte da Capa, xilogravura, Raul Pargendler / 2017

Revisão: Pedro Du Bois

D815n Du Bois, Tânia

Na sombra dos sentidos [recurso eletrônico] /
Tânia Du Bois. – Passo Fundo : Projeto Passo
Fundo, 2019.

4,6 Mb : PDF.

ISBN 978-85-8326-413-2

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

*Na Sombra dos Sentidos, aconchego e ousadia, misturo sentimentos
para a criação de composições que permitam a imaginação.*

*Para minha filha Marina
que faz a vida florescer.*

Momentos	63
Marcada Hora	65
Mascarar a Raiz	67
Morte (I)	69
Mãos Vazias	71
Na Sombra dos Sentidos	73
Nós	75
(Não) Pare de Reclamar	77
Na Luz	79
O Desenredo	81
Os Dias	83
Olhar sobre a Arte	85
O Livro (Não abarca o Mundo)	87
Provocação	89
Porta - retratos sem Foto?	91
Perdão	93
Poder se Reinventar	95
Por que Você Não Sai da Janela?	97
Riscar o Vidro da Janela	99
Rede de Proteção	101
Resultado Esperado	103
Ritmos (I)	105
Rua	107
Sob o Guarda Chuva	111
Sinal Fechado	113
Senha dos Sentimentos	115
Sem Medo	117
Sobre Ideias	119

Sentimentos II	121
Sensações	123
TV	125
“Tudo Vale a Pena Quando a Alma Não é Pequena”	127
Teatro do Absurdo	129
Tolices	131
Vida a Dois	133
Vexames	135
Vendaval de Inquietações	137
Visita ao Cemitério	139

APRESENTAÇÃO

*“Milonga se canta rindo /
Se causa triste também /
Milonga do amor bem-vindo /
Milonga se o amor não vem...”*
(**Milonga**, Raul Ellwanger – Jerônimo Jardim.)

Escrever é um ofício difícil, precisa ter criatividade e muita motivação.

Penso que a motivação de Tânia Du Bois é a mesma que move todo artista: utilizar esta ferramenta com o propósito de mostrar ao mundo suas ideias, seu pensamento.

Dá para entender, pela sua vocação, a união com o poeta Pedro Du Bois.

Natural do Rio Grande do Sul, Tânia Du Bois retorna aos pagos nesta “milonga literária”.

Esta coleção de crônicas em texto leve e inspirador extrai pedras preciosas em assuntos que poderiam até ser considerados triviais.

A autora desafia a si mesma e sua imaginação, desenvolve a partir de uma coletânea de citações, temas como o medo, saudade, arte, amor, vida, morte.

A morte, por exemplo, um tema presente na obra de poetas gaúchos é tratada aqui de forma desafiadora. Assim, como o “ramilongueiro” de Vitor Ramil, “...Eu sei que a morte eu não mato, mas deixo toda lanhada...”.

Você pode achar que este é um livro que trata de temas pesados, mas não é o que acontece, a palavra “viva” está presente em todas as crônicas, como “Em busca pela

beleza”. Tânia cita Craci Dinarte, *“Cansei de ir e vir. //... Quero um simples amigo, / capaz de partilhar comigo / das belezas da vida, / como andar juntos numa tarde de primavera, / ouvir lindas melodias, / sentir a carícia da mão...”*.

Mas, não cabe aqui comentar à minha maneira maçante de escrever, crônica por crônica, as virtudes dos textos de Tânia Du Bois, mas, recomendar a leitura, pois, sei que agradará a todos.

Ainda, duvidando se eu seria a pessoa indicada a fazer esta apresentação, lembro as sábias e irônicas palavras do meu querido amigo Hamilton Dipp, comentando um trabalho que fiz há muito tempo atrás: *“Raul, grande poder de síntese”*.

Raul Pargendler

NA SOMBRA DOS SENTIDOS



*Foto: Raul
Pargendler
2017*



*A primeira impressão
são palavras que
misturam significados
vibrantes, como o
cheiro da bergamota.*

AMAVISSE

Em versões diversas o amor surge em cena e garante certo mistério em nossa vida. Hilda Hilst, no poema *Amavisse*, diz que, “*Como se tu visses.../ assim te apreendo brusco / Inamovível, e te respiro inteiro...*”.

Acredito que há versões sob medida e, muitas vezes, o fato de haver amado me leva a fantasias como chaves para viver o cotidiano. Sinto a necessidade de fugir das limitações.

Os desafios impostos pelo amor são nossos desejos. Todos têm desejos. Porém, o caminho do viver pode se apresentar incômodo e estressado, quando não percebemos a gravidade pela qual estamos vivenciando: ter amado, tempo passado. Como em Hilda Hilst, “... *Um arco-íris de ar em águas profundas. / Como se tudo o mais me permitisses, / A mim me fotografo nus portões de ferro / O cres, altos, e eu mesma diluída e mínima / No dissoluto de toda a despedida*”.

Mesmo com coragem e força tal condição tende a me pressionar, que o tempo passa e a verdade não me basta. O peito cultiva as formas da saudade. O pensamento tem na lucidez o nome. A dor esculpe o meu instante, ao ponto de me revelar em murmúrios e delírios.

Fase diferente, sem esperança e com lembranças. Considero fantasiosos todos os discursos; tento evitar os comentários. Marco meus momentos bons. Vivo no limite, faço parte do grupo *amavisse*. Hilda Hilst expressa, “... *Como se te perdesse nos trens, nas estações / Ou contornando um círculo de águas / Remove ave, assim te somo a mim: / De redes e de seios inundada*”.

Limito as lembranças e ressalto que o amor só vale quando correspondido. É comum dividir questionamentos: sou negação quando me realizo no que me falta, como a renúncia pelo amor; posso chamar de renúncia?

Rompo com o tempo; teço os dias; minhas mãos não mais farão o amoroso gesto. Minha face espalha minha essência em cicatrizes.

*(*AMAVISSE, no Latim o verbo a.ma. vis.se significa: ter amado.)*

A DOR

Minuciosamente, a dor chega ao meu corpo, tomando conta do pensamento, do tempo e da espera, compondo a cena em detalhes. Dependo da minha fragilidade e me sinto invadida pela tempestade em incontáveis dias de dor. Como posso sentir tanta dor se estou tão ocupada para repassá-la ao corpo? Como posso lembrar as boas passagens? É complicado! A vida tem faces que se mostram no desatino da dor. Sobrevivo à dor e a identifico como infame realidade. Encontro *O Conhecimento da Dor* de Carlo Emilio Gadda, publicado como folhetim entre 1938 e 1941 e, em livro, em 1963. O romance permite duas leituras, uma psicanalítica e outra linguística.

Penso que não tenho tempo para nada, mas, quando a dor se manifesta, paro tudo e me fecho em mim mesma. Sinto que o tempo transcorre em câmara lenta: não leio, não durmo bem e não me queixo. Deito ou sento confortavelmente e espero a dor passar.

Depois, sinto-me inútil por ser física a dor! Não é como a dor da saudade, quando basta olhar a fotografia para amenizar o sentimento que chega com a lembrança. Aonde eu vou tenho a dor por companhia; como dizem as crianças, “*dor doída!*”.

Não espero a certeza do tempo presente, pois, da primeira a última linha é a dor que vigora. É processo continuado; praia sem sol; rotina quebrada; flor sem perfume; amor sem sexo; paisagem sem cor; livro fechado; batom sem brilho; lua sem luz; viagem cancelada. Esses momentos os dias limitados parecem acerto de contas. Estratégia para

sobreviver ao não poder escrever e não dirigir, apenas olhar para o vazio e ouvir *Moments of Loves* – músicas do final dos anos sessenta, para me distrair e driblar o sofrimento, fugir da tristeza do rosto de quem me cuida e ama.

De quantas dores somos feitos? Grito pela percepção da dor e retorno em lamentações. Cuido para a palavra “*ansiedade*” não tomar conta de mim. Compartilho em mim a dor, mas, o que realmente importa é cuidar da inquietude, para enfrentar a situação com coragem, que o meu tempo se revela sombrio na imobilização.

Preciso ouvir e reconhecer a voz sussurrando a dor; nela alio o humor e o pensamento. Às vezes, sou a dor contida nos gritos. Não sou heroína, sou apenas a palavra de hesitação à espera da recuperação. Procuo brechas para esquecer um pouco a dor, e encontrar a palavra para cruzar a fronteira entre o dito e o revelado, pois, minha vida está de ponta cabeça, num mundo do avesso.

Falo sobre a dor para exaurir a verdade sobre o meu corpo, mostrar a minha existência em repetidos dias. Como revela o livro “*Certeza do Agora*” de Juliano Garcia Pessanha, “*A vida do homem é o instante onde o mundo, em vão, se ilumina*”.

ACREDITAR

Acredito que amadurecemos ao superar cada etapa na construção do viver. Que a árvore da vida está entre o bem e o mal, início e fim, amor e desamor.

Acredito que a lucidez rompe o silêncio e o vazio, o sorriso largo e o beijo roubado.

Acredito no sonho como procura e renúncia; na glória, no Sol e no afeto.

Acredito que o aplauso brilha mesmo onde não haja brilho.

Acredito no poema de Carmen Silvia Presotto, “Fato // Se morrer/ é fato/ desfaço / este ato // no varal / no fogão / no lençol // jogo pro alto // o temor / a tosse / o tremor / o pigarro // o tumor / o medo // alguém me escuta, / chove guardanapos... // se morrer / é fato / desfaço / este ato // no papel!”.

Não acredito no falso mar, nem na falsidade do vento e da vida.

Há verdades maiores que nos conduzem ao medo, à indignidade, à desesperança e à indecisão. Walmir Ayala questiona, “A vida / é palha frágil numa mar de agulhas, se és pedra surda, porque marulhas?”.

Acredito que a vida fica invisível, quando não entendemos as emoções. Tudo piora com o discurso “falado”; não ouvimos enquanto eco, algo que não assimilamos. Então, podemos dizer “não” sem culpa, atitude libertadora, pois, na medida em que aceitamos o “não” como resposta, podemos fazer o balanço do viver e acreditar no que queremos; assim, quem sabe, não nos frustramos no sonho não realizado. Silvia

De Luca indaga, *“por que / não se encontra / na madrugada / um beijo / de boa noite?”*.

Acredito que quanto mais nos conhecemos diminuímos a possibilidade de nos perder e aumentamos a probabilidade de levar uma vida descomplicada e simples. Tiago de Mello expressa, *“a vida que vai comigo / é fogo: / está sempre acesa...”*.

Acredito que a falta de condições para encarar os comportamentos nocivos, não nos deixa perceber o quanto sofremos com os impactos físicos e emocionais.

Acredito na mudança internalizada como espelho do mundo. Tiago de Mello reflete, *“... A vida vai no meu peito, / mas é quem vai me levando: / tição ardente velando, / girassol na escuridão...”*.

ALEGRIA

Chego dizendo: a vida é bela! Ser feliz é ter alegria no viver, é atingir o estágio de bem estar, além de promover a qualidade da vida. Nas palavras de Mário Benedetti, *“De vez em cuando la alegría / tira piedritas contra mi ventana / quiere avisar-me que está ali esperando / pero hoy me siento calmo / casi diria ecuánime...”*.

Nas decisões podemos garantir e aprender com a alegria diária, o que demonstra sermos capazes de controlar as emoções e, conseqüentemente, arquitetar o crescimento através de novos movimentos. É a transformação de que a sociedade tanto precisa: coragem de se embrenhar na pulsação da felicidade pelas vias da igualdade, justiça e tolerância. Júlio Perez reflete, *“... Importa-me / que ainda haja / poesia / mesmo que nostalgia / do que já não existe mais:/ meus olhos / tua alegria”*.

Ver o mundo com os olhos da alegria permite ganhar autonomia, essencial para a produtividade e a criatividade, tanto na maneira como lidamos com situações repetitivas e estressantes, quanto na compreensão dos conflitos, ainda, na tranquilidade em substituição ao nervosismo e no amar em vez de odiar.

Manter o foco na alegria para alcançar os objetivos é necessário e deve ser considerado possível, mesmo que haja falhas no processo que nos leve a certos desvios dos sentidos. A sensibilidade e a presença da alegria precisam fazer parte do cenário diário para replicarmos as experiências, com viés positivo.

A vida é breve, o que cada vez mais verificamos na recontagem do tempo passado, onde as lembranças nos comovem. Nas palavras de Wislawa Szymborska, “... *para que este que está aqui comigo / ria e me abrace, / recordo só uma historinha: / o amor de infância...*”.

O ponto de partida é transmitir e sentir a alegria ao viver e manter a voz positiva. É ouvir o vento, ler a última carta, ter o olhar voltado para o elogio e acreditar em si, considerando a vida em sua totalidade.

A alegria é característica que se sobrepõe ao motivo e à construção do viver, como atração e admiração pessoal pela realidade.

As projeções transformam a realidade com olhares captadores e estímulos, são alavancas na geração da alegria pela vida; mesmo que Amós Oz escreva que “*a noção de “felizes para sempre”, a ilusão de uma felicidade duradoura é, na atualidade, um oximoro...*”.

A BUSCA PELA BELEZA

Não adianta ver só o lado bonito em tudo. A busca pela beleza está na qualidade de vida, para fazer parte do nosso cotidiano. Não podemos valorizar apenas o sucesso, porque o fracasso também nos fortalece e com ele crescemos e aprendemos a lidar com as emoções. Getúlio Zauza reflete, *“Eu sei! Até posso compreender / como a beleza nos seduz, / mas o que queria apenas saber / o que farás quando apagar sua luz? //... Eu não sei o que dizer / Para quem ganhou beleza. / Mas pergunto: o que vais fazer / Se a idade te inundar a Alma de tristeza”*.

A verdadeira beleza é percebida pelo olhar nas atitudes diante de situações ruins, o que pode ajudar a diminuir o tamanho do problema.

A beleza está na maneira de ser em harmonia com o pensamento, que as decisões belas são tomadas quando cumprimos as tarefas rotineiras, fossem ações necessárias.

A busca pela beleza é encontrar os amigos, conversar e se interessar pelo outro; através dos contatos com as pessoas adquirimos novas informações e tornamos relativas as nossas verdades, para ver a vida de outros ângulos, como escreveu Craci Dinarte, *“Cansei de ir e vir. //... Quero um simples amigo, / capaz de partilhar comigo / das belezas da vida, / como andar juntos numa tarde de primavera, / ouvir lindas melodias, / sentir a carícia da mão...”*.

A beleza no sorriso que concede a paz em nossas vidas é enriquecedor, faz bem aos sentidos, porque é nosso aliado.

A beleza é encontrada nas artes, como forma de reconhecermos os livros, filmes e quadros; na música, dança e poesia. É beleza inspiradora que ao se doar, enriquece nossas vidas. O poeta W. J. Solha “...Se pergunta se sabe quando um poema está a se tornar maneirista ou – pretendendo grande valor / estético – a se fazer hermético, / ou, / de grandioso, / passa a se tornar / pomposo!...”

A beleza é revelada quando estamos envolvidos com a rotina e nem percebemos os ruídos do dia, mas, admiramos a chuva e o sol e lembramos o nome do vizinho e do colega.

A beleza está na simplicidade do gesto traduzido em carinho, atenção e amor, como elemento de humanidade. Em Pedro Du Bois, “Ao se ver no espelho / por inteiro / a mulher mais linda / do mundo / soube pela imagem / refletida / ao contrário / sobre o dia futuro / em que os espelhos seriam cobertos / na indelicadeza com que os dias / passados / atravessam os vidros / e se instalam / em quem se olha”.

A busca pela beleza está em reconhecer que a aparência pessoal é questão de consciência. O xis da questão é que se sentir bonito significa enxergar além da imagem refletida no espelho, ao equilibrar e enriquecer culturalmente a vida. É resgatar o bom senso para nos sentirmos felizes e desafiar o conceito hedonista da beleza.

A ARTE NAS MÃOS

Personagens e artistas sobrevivem ao tempo, mas, se pudéssemos ser desenho animado, quem seríamos?

Uso a máquina do tempo para recriar, inventar e transformar o passado em futuro; sonhar com uma sociedade igualitária e, ao mesmo tempo, trazer o bom humor para o cotidiano. Ana Paula Cavalcante Simioni diz que, *“Expressividade e precisas, as obras de Tomie Ohtake, unem tradição e presente e constituem sínteses perfeitas entre o rigor do método e a sensibilidade das formas”*.

Cada dia vivo em mundos de novidades e aventuras e, mesmo assim, preciso da arte para acreditar ser tudo possível e independente neste mundo fantástico. Nas palavras de Maria Lucina B. Bueno, *“... viver pressupõe ação no sentido amplo da palavra. Dentre as ações mais significativas se incluem as atividades artísticas, pela dimensão que alcançam na formação do ser...”*.

Vejo a vida através de diferentes ângulos, quando preciso atravessar o espaço que me separa: sentidos e equilíbrio. Tudo é mais difícil do que posso imaginar. Com a arte em minhas mãos posso ver o passado no presente e o presente no futuro. Admito mudar o fator histórico, no fascinante jogo do tempo, em cores, formas e palavras.

Encontro no livro de Júlio Plaza, *Por Ele Mesmo*, que *“É função da memória interpretar e trazer a luz essa história inscrita de forma intensiva... Tudo com perspectiva de alguns anos, sem esquecer que trazemos o passado para o presente a partir da óptica desse presente. Encaro, como produtor de*

linguagem, essa memória, pois a vida do sujeito se projetará naquilo que faz...” O que importa são os sentidos e o equilíbrio, entre quem sou e o que produzo, na perspectiva do viver.

Se pudesse ser desenho animado, seria o personagem de humor refinado, para inspirar inúmeras situações cotidianas, em que preciso reverter a pertinência da ironia na compreensão deste mundo de inverdades (nas mentes misteriosas dos governantes). Em Antônio Fernando De Franceschi encontro que “... Apesar de acaso e erro, do talho em falso, o controle de seus meios de expressão lhe bastam para sobrepor-se aos descaminhos do ofício...”.

A arte não avisa estar a caminho e, quando chega até mim, transita na imaginação entre o real e a magia da criação. Na opinião de Júlio Plaza, “A tendência é aproximar Arte e Vida não estabelecendo divisões nem barreiras entre uma e outra”.

A arte em minhas mãos me faz resgatar o antes e o depois; o escuro e o proibido; o moderno e o tradicional; o bom e o preconceito; as cores e formas e os sentidos e sentimentos. Privilégio que ninguém me tira, viver em mundos de belezas diferentes, com cenários de mudanças permanentes.

AGONIA

A razão é nosso bem maior, ao demonstrarmos sua dominação como questão de sobrevivência. Com certeza, tenho agonia ao perceber a maldade e nada poder fazer. Até tento, mas, os “senhores do mundo” não visam conceitos e nem respeitam a imagem e muito menos se preocupam como o nosso discernimento.

Sinto-me agoniada por conviver com o poder sem limites, num mundo em que o homem se impõe como denominador (nada muda além do o tempo e das ferramentas) e altera seu comportamento. Ficamos longe das medidas que, pudéssemos opinar e as transformar, seriam nossas conhecidas.

Agonia ao viver tal situação; coloco a razão como única manifestação válida para maior compreensão. Leonardo Munk escreve que *“O homem se serve da razão para organizar o cotidiano”*.

A agonia se apresenta no cotidiano, caracterizada pela lógica cruel dos dominadores, em que tudo soa falso e incabível num mundo de reflexão crítica. O contrário seria dizer que ultrapasso os limites da ordem temporal e estrutural. Em Mario Quintana, *“... lembra-te que para alguém nós somos as antípodas: um remoto, inacreditável povo do outro lado do mundo, quase do outro lado da vida – uma gente de se ficar olhando, olhando, pasmado...”*.

Agonia maior sinto quando não sei onde está o princípio da igualdade, que precisa habitar os direitos e

deveres. Somos forçados a dar conformidade, onde tudo tem seu preço?

Nessas premissas o nosso bem estar agoniza, por vivermos nesta sociedade que – rapidamente - perde espaços para as desigualdades.

A razão expõe limites entre o falso e o verdadeiro; o racional enfrenta o irracional, este, fruto da ignorância e superstição. Ressalto que ao perdermos a confiança na razão, passamos a viver agoniados, ofuscando a claridade que encontramos no mundo; como em Júlia Du Bois, ”... Agora já crescida / sofri uma desilusão / pois com este mundo / eu sonhava em vão”.

ANIVERSÁRIO

Tudo parece nos provocar quando comemoramos o nosso aniversário. Há clima de entusiasmo pela vida e, ao mesmo tempo, reflexão em torno dela. Talvez, estejamos impondo, a nós mesmos, a sinfonia que consagra o momento e renova o interesse pelo ritmo do tempo. Em Severino Ronchi, *“... olhando sempre para além, / vamos cantando pela nossa estrada / sorvendo todo o mel que a vida tem...”*.

Temos razões para fazer da vida a espectadora que nos sente, estivéssemos em jogo de contrastes entre o presente e o passado, o que torna interessante a ordem das palavras na comunicação com a realidade.

Ficamos em dúvida quando entramos para o clube dos idosos e, às vezes, chamamos atenção para nós mesmos no desafio pela adaptação à nova idade e seus limites, em função da atualidade reinante.

Não se trata apenas de mais idade, nem de outra comemoração de aniversário, mas, da sociedade aceitar nossas opiniões e opções na realidade das situações, sem nos dispensar das explicações sobre o envelhecer.

No dia em que aniversariamos sentimos a importância do pensamento, que ainda podemos desempenhar papéis fundamentais para a sociedade. Não apenas termos função ilustrativa, nem a encenação teatral da experiência vivida, mas, como seres capazes de ser fonte de informações e conhecimentos.

Mesmo presos pelas limitações físicas e mentais impostas pela idade, sem esbravejar, detemos condições para expressar o pensamento em atos de liberdade.

A idade avançada tem o efeito de ser tratado como *drama*, justificando, assim, as atitudes da sociedade, o que causa sensação de desconforto e vazio. Como na conclusão de Severino Ronchi, “... *ao chegarmos ao fim desta jornada, / vemos que a vida toda foi, também, / uma bela mentira, ou quase nada!*”.

Assusta o preconceito em relação às pessoas nesta faixa etária; desrespeito e comentários ostensivos e ofensivos nas linhas e entrelinhas do cotidiano. Também é verdade que as críticas estão mais frequentes e fortes em cada dia. Marcelo Coelho salienta, “*É apenas uma sensação de que algo desaparecido continua a existir*”.

Comemoramos o aniversário, mesmo que tudo possa sangrar e doer, sem notar que a ferida da objeção e recusa possa cicatrizar. Só sentiremos a cicatrização quando formos considerados fundamento no mundo e a mudança necessária e, como tal, essencial. Nas palavras de Leonardo Munk, “... *perpétuo... que cessa de transformar-se apenas para morrer?*”.

A INSÔNIA

Insone, observo todos dormindo. Não há estrelas. O silêncio cobre a noite. Meus pensamentos giram como cataventos. Não tenho medo. Cenas cotidianas passam pela minha cabeça, fossem histórias para eu desvendar suas mensagens ocultas; como em Silvio Duncan, *‘A voz vem de longe e está comigo, / daquele que é teu maior amigo ou pior inimigo...’*.

O relógio marca a retrospectiva de períodos da minha vida. Sinto saudades; sentimento forte que, por vezes, procuro ocultar das sensações que dão sentido ao meu viver.

Percebo a importância de resolver as situações cotidianas no momento certo, e não me dou conta de outros segredos, até sofrer com a insônia. Duncan expressa, *“... E chegar, depois, / ao princípio da verdade / que vive em não palavras”*.

Contudo, espanto-me com meus pensamentos, ao descobrir a tristeza trazida pela insônia: a convivência não ser vista como algo a construir os dias e, apenas, a competir, competir... Silvio Duncan diz que, *“a sinalização dos relógios de fala imperativa / o mundo nasce do coração dos despertadores...”*.

Com insônia, minha noite se alonga. As horas passam devagar e fico submetida à vontade marcada pelas contradições; conflitos que continuam sem resolução, impedindo que a população possa sobreviver ao retrato da realidade, quando busca a compreensão. Sonho cada vez mais distante.

Tudo isso me leva a refletir sobre o meu viver no ritmo dos discursos em seus aspectos cotidianos culturais e sociais. Ainda em Duncan, *“O Senhor da tua alma partiu / e tu ficaste só, / na longa noite sem estrelas”*.

A convivência com a insônia não me concede a paz. Histórias e fatos se misturam em pensamentos mágicos; imagens que alimentam ambições, fantasias, resistência e pertinência. Confusas e ao mesmo tempo complicadas, pois, descrevo mentalmente os momentos-chave da vida, em que a desigualdade infringe as leis que vigoram para mim.

Com a insônia minhas cobranças, decisões e esperanças afundam no silêncio. Silvio Duncan demonstra, *“... e a vida continuou passando / no monossílabo das ondas / no frio da correnteza / no planar do pássaro...”*.

ARTE PELA ARTE: MARIA LUCINA BUSATO BUENO

Fazer parte do mundo das artes é descobrir luzes e sombras, que jogadas sobre a tela expressam, revelam ou escondem a alma do artista. O passado e o presente se misturam no cotidiano acelerando os sentidos na valorização da significação imagética como bem cultural. Nas palavras de Antonio Cicero, “... *Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la / por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado*”.

A arte pela arte é o grande momento, está ali descolada, endereçada pelo tempo na criação e na consideração por repor a identidade do artista plástico, no caso, Maria Lucina Busato Bueno, cuja obra é marcante no manter as cores e traços, ao desdobrar clarezas ao distribuir traços que nos levam à liberdade; evidencia variáveis que adicionamos ao intelecto e mobilizamos na imaginação, fatores que ela optou por ensinar e pintar.

Maria Lucina busca revelar as semelhanças nas diferenças, através de tintas naturais que, na sua apreciação, “*Por tintas naturais estende-se tintas obtidas da natureza, que, como as demais, são compostas por pigmentos e aglutinantes, possuindo característica de opacidade ou transparência*”.

Artisticamente, espalha conhecimento de “*pintura e confecção*” através de suas obras técnico-literárias: *Pintura Artística e Vivências do Fazer Pictórico com Tintas Naturais*, onde também se preocupa com as ilustrações para maior compreensão do leitor, como processo de experimentação e diálogo.

Nas obras encontramos a resignificação do seu trabalho que, no conjunto de trabalho, potencializa a sua “*poesia visual*”, pois, transpira um processo de envolvimento emocional e interpretação, estimulado pela reflexão como referência dos critérios utilizados em suas obras; também, oferece ao leitor e espectador múltiplas possibilidades de leitura.

Dentro de seu contexto, constrói através das experiências, ao mesmo tempo em que aborda objetivos estáticos no captar o cotidiano como forma de ativar o significado da arte. Nas suas palavras, “*As manifestações no processo artístico acontecem quando os materiais são conhecidos e ordenados conforme a sensibilidade, as emoções e as vivências do ser...*”.

Maria Lucina traz a transformação através das tintas naturais; explora imagens de novos mundos, propostos em obras de diferentes gêneros, potencializando referenciar sua capacidade artística com as diversas técnicas empregadas. Expande o alcance de suas experiências transformadoras através de projetos realizados com matérias primas de origem vegetal e animal.

Está integrada, pela sensibilidade, com os meios para a realização de trabalho original, de rara e positiva expressão plástica, no processo do linguajar artístico com conceitos culturais, em que expressa “*o fato de poder criar beleza com elementos extraídos da natureza que nos rodeia, representa a realização de potencialidades espirituais do ser humano, porque é através da arte que nossa humanidade atinge o que há de mais profundo em nossa sensibilidade*”.

Maria Lucina Busato Bueno, com olhar privilegiado e técnica incontestada, vive a arte pela arte, sem abstrair de sua obra a visão humana e realista do mundo que a cerca. Respira emoção e conhecimento. Surpreende com técnicas inovadoras que semeiam o percurso original na expressão artística, entre a produção e a imaginação. Compartilha dados de múltiplas etapas no domínio das linguagens plásticas. Indiscutivelmente, equilibra conhecimento e cotidiano, de maneira convidativa e acessível com o objetivo de nos envolver diante do novo. Para o crítico Jacob Klintowitz, *“O essencial para a arte é a própria arte”*.



CAMINHOS

*“A vida é uma caminhada na qual temos
sempre muito que aprender”.*

(Maria Mariana)

Quando caminhamos pela vida, com interesse e vontade, descobrimos valores, sabores, emoções que passam a fazer parte da nossa história. Viver é relembrar amizades e momentos que marcaram o nosso tempo.

Caminhar não é só procurar respostas definitivas; até porque raramente são definitivas. Há dúvidas descobertas nas imperfeições e o valor está em reconhecer os verdadeiros amigos. Cada pessoa demonstra quem é através das atitudes como prova de amizade e justiça, naturalmente sabendo qual a hora para ficar ao lado do amigo.

Muitas vezes, as diferenças nas relações é o que proporciona o equilíbrio para seguir o nosso caminho. Em outras situações, o de nos conduzir pelo caminho que ficará guardado na memória. Miguel Sanches Neto aponta, *“Saramago era homem de visão definida das coisas e com coragem de dizer o que tinha a dizer”*.

São tantos caminhos, influências e lugares para chegarmos ao objetivo que, para tal, recorreremos ao encanto de viver; mesmo assim, iludimo-nos diariamente até revelarmos a verdade, com liberdade para compartilhar tristezas e alegrias, surpreendendo a todos com nossas ideias e ideais, assim, como José Saramago fez ao reinventar a escrita em longos parágrafos e sem pontuação.

Costumo dizer que quem planta “morangos” não colhe “ervas daninhas”, isto é, aprendemos com os erros; preocupamo-nos em buscar respostas e companhias certas ao fazermos nossas escolhas. É a busca constante para ampliar a nossa lucidez e acreditar que temos muito para dizer e ouvir; ainda em Saramago, *“Sem ajuda, sem conselhos, apenas guiado pela curiosidade de aprender”*.

Poderosa é a curiosidade que, concentrada na necessidade e no conhecimento, na ordenação dos dias, permite intervirmos nas lembranças, questionando o tempo que nos atravessa e nos marca: o que a vida nos oferece de igual para igual? Confissões nos deixam livres na formação do caminho onde nos expressamos, sem medo de julgamento, ao dizermos do nosso coração? Para Saramago, *“A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo assim estes podem prolongar-se em memória em lembranças...”*.

CADEIRA DE BALANÇO

Temos valores sentimentais, onde guardamos nossas histórias, para reviver os dias com estilo. Em meio aos estilos, ressalto certa cadeira de balanço, como peça exclusiva que foi dos avós. Hoje, repaginada, em design de releitura moderna, tornou-se objeto comum em nosso lar.

Vivemos em espaços menores; mesmo assim, referenciamos a “lembração” da cadeira de balanço que pertenceu aos avós. Ela exhibe o momento nostálgico, que nos faz prestar atenção no dia a dia com sensação de aconchego, marcando em nossas vidas o contato com o passado. Nas palavras de Glaura H. Brockstedt, “... *cultuar e respeitar, dando o devido valor, /... Fazendo sentir bater no peito, / O que guarda o coração*”.

É gratificante ter a cadeira de balanço, plena em entrelinhas e significados, presença e histórias. Desta forma, compomos o viver com o olhar voltado ao passado por acreditar nas amarras em que estamos envolvidos emocionalmente. Então, a lembrança me traz as palavras ditas pela vó, “*quem dos meus filhos primeiro me der uma neta, ganhará a cadeira de balanço*”. Lá se vão quarenta e tantos anos e a cadeira de balanço continua na nossa sala compartilhando o nosso cotidiano. Guilhermino Cesar Filho retrata, “... *Orgulho de coisa.../ se esconde nas costas retas / quando no meio da casa / está a cadeira...*”.

Esta lembrança da cadeira e do carinho da história são valores que repassamos à nossa filha. E, quando assistimos as bisnetas brincando com a cadeira, que um dia foi o caminhão do avô (seu filho), temos o retorno da história em novo contexto, servindo de pano de fundo para o amor e a cumplicidade, ao deixarmos fluir os fatos. Segundo Luciano Maia, “... *Em troca do talvez busquei o sim. / Liberto dos enredos da ilusão, / pude avistar um ponto além de mim...*”.

CONTRAGOSTO

Contragosto é palavra explicativa: contragosto e, logo me vem às lembranças que não gostaria de recordar. São imagens que interrompem o meu dia e trazem o silêncio inesperado e o vazio desesperado. Seria por não ter feito o acerto de “contas” antes de ele ir embora? Segundo Álvaro Moreyra, “... *Tenho os pés presos ao solo / como se fossem raízes. / Talvez, agora eu chorasse...*”.

Contragosto escuto o discurso do político no concílio com a inverdade ao seu abuso do poder. Fico paralisada pelo medo da impotência. Wislawa Szymborska diz que, “*o comentário político é indireto e sutil e a arma utilizada é a ironia*”.

Contragosto vejo o bêbado cair. Sou surpreendida pelo drama e por não poder ajudá-lo com o vício, que cresce como incêndio. Grotowski revela, “*Nós lutamos para descobrir, vivenciar a verdade sobre nós mesmos, para arrancar os véus dos quais nos escondemos cada dia... depois de ter renunciado às nossas fugas a as falsas aparências, um estado de nudez*”.

Contragosto vivo a melancolia do inverno por não recusar convites para sair e interromper o meu prazer de ficar em casa na companhia dos escritores. Álvaro Moreyra expressa, “... *Atrás da vidraça / As três Fabíolas / De face tranquila / Mostravam no olhar / Um céu sem tormenta / E a luz repousante / De um sol interior / O vento cantou / A ciranda do inverno*”.

Contragosto sinto o ciúmes me corroer, quando me confundo e interrompo a nossa vida a dois. Disfarço o maldizer

e reconheço a sua importância ao meu lado. Wislawa Szymborska retrata, *“Ambos estão certos / de que uma paixão súbita os uniu. / É bela essa certeza, / mas é ainda mais bela a incerteza”*.

Contragosto uso válvula de escape para não me preocupar com a memória nas atividades diárias. Respiro fundo e penso na solução. Às vezes, não consigo lembrar. Nas palavras de Milton Hatoun, *“Às vezes, de relance e a contragosto, me vêm à mente imagens daquele encontro: o rosto de Levedan suado e vermelho...”*.

Todos precisam encontrar e buscar uma situação que não seja contra o nosso gosto, para poder nos concentrar no pensamento e conviver com os pesadelos. A principal medida é acolher as situações de frente para conquistar o nosso espaço.

CONSUMO

Para Hanns, *“A diversão, hoje, vem associada ao consumo”*. Concordo que os tempos mudaram e as ofertas e os desafios para consumir também. As consequências não são questionadas, pois, as vontades são impostas pela necessidade do “ter”. Os limites não são discutidos e nem estabelecidos de acordo com o poder aquisitivo. Como diziam os antigos, *“fulano deu o passo maior do que as pernas”*.

Atualmente, funciona assim: fulano quer tal coisa, compra. Márcia Maia expressa, *“cansada de andar a pé / o dia todo / todo o dia / exijo: / carro... // (em caso total / impossibilidade, / tênis de marca, / com amortecedor)”*..

Tipo de atitude que chamamos de compensação? Compensar o tempo longe de casa e da família? A falta de atenção quando em casa? A falta de vontade para atender o filho que quer conversar? Por que não escutamos o que ele tem para contar? Ou por que a falta de sentido prevalece os anúncios e programas na televisão? Luis Hanns tem razão no que escreve. Nas palavras de Márcio Almeida, *“... O dom da vida não se resume a um brindar de champanhe”*.

Pergunto, somos felizes pelos desejos realizados pelo “ter”, ou por sabermos escolher com responsabilidade com liberdade? Manoel de Barros reflete, *“Porque o homem não se transfigura senão / pelas palavras...”*.

Os tempos mudam, mas, os posicionamentos e o diálogo ainda resistem, quando pensamos sobre o consumismo. Por vezes, encontramos brecha para expor a nossa opinião sobre o excesso de consumo. Não digo que é

para haver recusa sistemática, mas, para combinar o que podemos ou necessitamos consumir, considerando o nosso padrão social, financeiro etc e tal.

Tudo é questão de justificativa e valor. O importante é termos consciência e ouvirmos a voz de comando dizer que o *combinado é o acertado*. Assim, hoje não consumiremos, apenas pelo fato de virmos a “ter”. Jurema Carpes do Valle demonstra, *“Poderia ter percorrido / outros caminhos / mas escolhera aquele / Em que as possibilidades / De ter eram poucas / Eram muitas as de Ser...”*.

Tipo de decisão que faz a diferença em nosso meio, porque define a nossa atitude e abre espaço para repensar e compreender quando o consumo não é lazer, prazer ou fruição. Quando aprendemos a lidar com os obstáculos, sobra tempo para termos ideias que possam preencher as horas sem haver consumo e que os valores economizados sejam investidos em nós mesmos.

Infelizmente, a realidade se apresenta com fabricantes e fornecedores que expandem seus produtos em ofertas diárias. Sabemos encontrar de tudo em qualquer mercado, sempre cercado de propaganda, *marketing* e *merchandising*. O jogo é complexo, porque eles precisam e só pensam nas próximas vendas, para conquistar seus espaços, não se importando com o “Ser”. José Nelson Correia expressa que *“Se a vida não tem sentido... / Pelo mundo do consumo, / quer dar sentido ao seu rumo / voltando às fontes...”*.



EXERCITANDO A PACIÊNCIA E DRIBLANDO A DOR

A dor vai e vem, apertando, cortando e costurando horizontes, sem limites é maior do que o meu desejo de recuperação. Costumo dizer que estou exercitando a paciência e driblando a dor; nela estou fechada e apenas percebo as sombras nas paredes. Francisco Alvim revela, “... *são feitas – as sombras – de ar / escuro / Lembram o tudo e o nada...*”.

Em ritmos secretos, conto o tempo de que são feitas as demoras, horas que cada vez mais se afastam e atingem o meu mundo silencioso. A perseverança me acompanha para chegar ao final da jornada.

O desalinho dos dias parece com o mar: vibram os ossos em mim suspensos pela dor. Resisto contar os dias, como retrata Francisco Alvim, “*ontem estivemos lá / Está mais animado / Teve muita dor*”.

Aflita, sinto falta dos movimentos do corpo, para formar meu caminho, na vontade para atravessar o medo pela profunda dor que me consome, calada em meu tormento. Driblo a dor para não desistir de mim, como em Francisco Alvim, “*dorzinha enjoada / ela começa perco a graça...*”.

Entre dias cercados pela dor, nada desfaço, apenas, deixo a ansiedade carregada da impossibilidade encontrar na consciência a exaltação da espera e da paciência. Sofro a luta de tentar não me entregar à angústia da espera; por isso, há valor em sua companhia, aninho-me em seu peito, coloco minha mão na sua e, assim, liberto-me da dor.

ENCONTRO AMARGO

Quem não tem a lembrança da morte, entre lágrimas, como encontra o que sente arder como lâmina e fogo?

Falar da morte é driblar o sentimento. Tê-la por perto é ouvir o grito entre o silêncio e o medo, como voz do penhasco onde é marcado o encontro amargo, que se reflete no espelho corroído pela maresia.

Hoje, o som me desperta a dor da saudade junto ao relógio, que não mais divide o meu tempo e nem guarda o meu silêncio, como em Sueli Gehlen Frosi, *“Debato-me, sofro. / Procuo e não te encontro. / Teu travesseiro é só vazio. / Lembrome então que foste embora...”*.

O encontro com a morte revela o mistério que se configura na força do vento, que soa forçando as portas fechadas. Temo que possa mexer, mais, com a minha vida e sacudir o vício de ter você ao meu lado. Mal consigo lidar com o amargo da morte e, ainda, penso no nosso amor sempre imenso, que se distanciou e rompeu o meu gesto, deixando-me com o peito cerrado. Nas palavras de Sueli Gehlen Frosi, *“... Quero-te de volta, / Exijo sentir a respiração mansa, / Do amor que escolhi, há tanto / Para fazer parte de mim...”*.

Recolho conchas na praia para confortar o meu pensar; estou sempre repensando a solidão como as duras penas no sopro do sentimento conflagrado. Além da saudade, sinto que as comportas da noite se abrem para as verdades. Então, absorvo o limite da hora da despedida e me mantenho densa no agora. Com a alma fria e os pés paralisados faço da renúncia

a minha procura, deslocada da sua imagem, e me entrego por inteiro à melancolia.

Surpreendo-me rememorando situações, e quero mais; quero a sua presença de volta ao meu viver; quero o voo do pássaro no final da tarde, com você; mais, quero pousar a cabeça em seu ombro. Tudo passou, transcorreu e você morreu, deixando o gosto amargo na minha boca; com o coração alvejado, perdida entre lembranças ao interiorizar o seu corpo, seu olhar; sua imagem na tentativa de permanecer ao seu lado. Iludida, canto com voz rouca a nossa música e sobrevivo à sua ausência com o amargor do encontro inexistente. Sueli Gehlen Frosi demonstra, “... *Lembro-me então da morte, da dor, das velas, / Levando devagar para muito longe / O quem mais amo, tu! / Choro gritos, desfaço-me em lágrimas, / Soluços sufocam-me a garganta, / Para então, em agonia, / Dar-me conta de que sonhei, / De que estás aqui, como sempre, / Fazendo-me companhia...*”.

ESTAR NA FOSSA

No cotidiano encontramos a impiedade em situações cruas que nos abalam emocionalmente e nos trazem incertezas. Antigamente, dizíamos “estar na fossa” que, para Carlos Leonam e Ana Maria Badaró, *“O ato de estar na fossa (ou deprê, hoje) foi coisa popularizada pelo Jaguar, primeiro na sua tira dos Chopnics (embora “fossa” seja uma criação ipanemenha pré-Pasquim).”*.

A depressão, chamada *deprê*, está presente na diversidade da realidade porque passa a pessoa atingida e traz a impossibilidade de criar, prende a liberdade de agir e incorpora (mística) a dor na alma.

Ao carregar essas marcas que, para alguns é acobertar sentimentos, colocamos em cena a “fossa”, com o olhar marcado pela melancolia e a não recuperação das paisagens, sem conseguirmos nos reinventar e seguir em frente. Encontro na obra, *A Arte da Vida*, de Zygmunt Bauman que *“A sociedade líquida moderna espera que cuidemos de dar sentido e forma as nossas vidas, nos julga pelos resultados e também nos faz pensar que a arte da vida tem por objetivo a felicidade”*.

Difícilmente alguém foge do tempo impiedoso, em que inexistem ilusões em sobrepostos e descontraídos risos soltos e leves, pois, o nosso pensamento deriva das lembranças boas ou ruins.

Será que temos a força necessária para moldar e vencer a dor emocional? Saul Bellow responde que *“Sempre é possível transpor sua condição humilhante com a ajuda de uma espécie de ironia amargurada”*.

Frequentemente nos deparamos com atividades que aumentam o nosso mal estar, então, dizemos “estar na fossa”. Tantas outras situações, misteriosas ou igualmente desprezíveis, nos levam a entrar na fossa. Mas, há brechas que nos permitem antever e entrever a realidade e quebrar os paradigmas, permitindo avaliar e sair da nossa deprê. Nas palavras de Saul Bellow, *“Sentar no meio fio, olhar para o céu e pensar: de onde veio tudo isso? Porque estou aqui? Questões epistemológicas... em essência...”*.

Somos quebra-cabeças em que as peças por vezes não se encaixam e, pior, podemos transformar a nossa montagem em algo maior, difícil e confuso. Bellow diz que, *“... essas reações surgidas muito cedo na vida, não iam me levar muito longe se eu estivesse preparado para pensar no que estava vendo”*.

Sempre estaremos sujeitos a críticas, definições, julgamentos e revisões das nossas crenças e valores; o permanente são as relações e as funções emocionais que nos moldam para dar sentido e significado à vida.

EM BRANCO (II)

Na poética de Tiago de Mello, *“Faz escuro, mas eu canto / porque a manhã vai chegar. / Vem ver comigo, companheiro, a cor do mundo mudar. / Vale a pena não dormir para esperar / a cor do mundo mudar...”*.

As definições de vida, muitas vezes, se reduzem na correria do dia a dia, onde deixo em branco o sentido de ser, para atender as minhas obrigações.

Reconheço motivos para me sentir feliz com a vida. Deixo passar em branco.

Venço o silêncio e me envolvo nas atividades literárias. Deixo passar em branco.

Em estreito laço sinto o bem estar e a coragem necessária para seguir em frente. Deixo passar em branco.

Tenho consciência do meu entusiasmo e sei que é desperdício. Deixo passar em branco.

Tenho motivação para conversar sobre uma dieta e não encontro o objetivo. Deixo passar em branco.

Não fujo do cotidiano para não me decepcionar com os pequenos fracassos. Deixo passar em branco.

Invisto o tempo em ações prazerosas. Deixo passar em branco.

Faço a pausa no trabalho e no cinema assisto a comédia. Deixo passar em branco.

Administro o cotidiano para refletir o dia. Deixo passar em branco.

Verdade. Parece impossível encarar a realidade sem me enganar, quando deixo passar em branco, tudo o que

conquisto. Posso imaginar que poderia ser diferente ou desejar desfecho não branco e sim colorido.

Digo que poderia ser mágico – não solucionaria nada, talvez me trouxesse benefícios ao executar algo na esperança de não passar em branco a chance no futuro. Nas palavras de Tiago de Mello, *“Talvez não possa ter tudo de bom / que a vida tem pra inventar e me dar. //... É por isso que cantando eu vou / me alegrando em levar esta flor / pequenina, vida...”*.

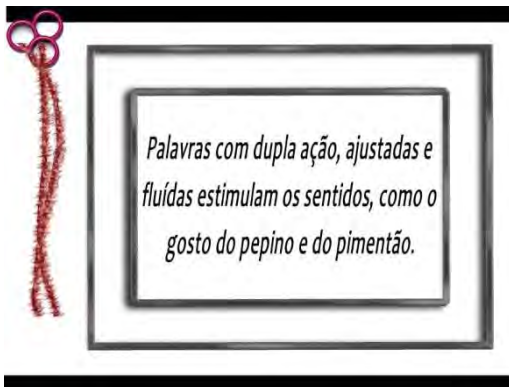
ESTRANHAMENTO

Dia após dia sinto-me estranha. Não enxergo o horizonte, nem escuto os pássaros. Escuto as vozes em tom baixo e sem força. Meu dia é longo, curta a noite. As cortinas estão fechadas. Estaria passando pela minha *intransparente solidão*? Nas palavras de Álvaro Pacheco, “... *Na minha vida que passa / eu passo do reencontro / dos tempos que me matei: / não cumpro as missões jacentes / dos fatos de alegrar-me: / minha sina é entristecer-me...*”.

Escuto na insônia o lamento da vida, quando minhas outras vozes meditam no escuro do quarto. Traço linhas; escrevo sobre o silêncio que espreita a minha vida entre tentativas infrutíferas de bem estar.

Estranho é o mistério quando sigo minhas ruínas até o tempo remontar meu pequeno sonho: seguir as luzes para poder distinguir nas sombras a hora da verdade. Ainda em Álvaro Pacheco, “... *Apenas a solidão / se comunica conosco: / é sofrer nas almas / esse meio e fim / (e sobreviver, ah, sobreviver)*”.

É necessário resistir à estranheza temporal que diz que fui conquistada: minhas forças estão fracas. A vida me leva em altos e baixos nas várias cores da solidão. Às vezes, penso em não mais ficar sem quem me convença a procurar parâmetros que multipliquem meus sentidos, para marcar o tempo e determinar as causas do estranhamento nos meus dias. Estaria nas pequenas coisas a grandeza da vida? Ou, como Álvaro Pacheco reflete, “... *a vida nos desgasta / nestas repetições cruas / não não / nos habituamos jamais*”.



*Palavras com dupla ação, ajustadas e
fluidas estimulam os sentidos, como o
gosto do pepino e do pimentão.*

GOSTO DE OUVIR...

Acredito na sociedade dotada para transfigurar a banalidade na vida cotidiana. Gostar de ouvir novas ideias não nos priva de expressar o que pensamos. Nas palavras de Thomaz Albornoz Neves, *“Além do que posso ver / o universo / é a falta de alcance da minha visão”*.

Ouçõ dizer que a sensação de recolher frutos no trabalho é celebrar as inspirações pela capacidade inventiva que me permite inovar a vida diária.

Poucas são as pessoas que estão prontas para ouvir e valorizar o que nos beneficia com novas ideias e talentos, como manobra no espaço dos dias. Não sabem ouvir o que circunscreve os limites entre a expansão e a exploração como instrumentos e realização dos objetivos. Ainda em Albornoz, *“... Dragado pelo que respiro / Não sei quem sente o que vivo...”*.

Não gosto de ouvir quando nos frustramos ao dizer o que pensamos, mas, sim, que temos condições de opinar e seguir posicionados pela novidade.

Gosto de ouvir quando têm atitudes comedidas, o que torna possível pensarem o novo sem se arriscarem para atingir o sucesso. Tal atitude possibilita a liberação das amarras cotidianas e expõe o domínio sobre o novo. Como em Luis Otávio Oliani, *“por que não plantar / esperanças / se o dia foi de espinhos?”*.

Remodelar, renovar e reciclar é criar a medida com espaço para a reflexão e avaliação das ideias. É questão para buscar as respostas; a chance de ouvir as explanações e

explicações na troca de opiniões. Maneiras para não haver cobranças sobre nós mesmos, nesta acelerada realidade.

Também, gosto de ouvir o que não considero e não alcanço, na execução das ideias com conhecimento, para combinar a destreza na aprendizagem e na construção do nosso bem estar diário. A nova voz para nos surpreender com sua ressonância cultural, no propósito de mudarmos a rotina. Luis O. Oliani expressa que *“o desconhecido / está em nós // viver o amanhã / aguardar surpresas // o que o Destino / nos reserva?”*.

Verdade, gosto de ouvir boas notícias através da voz da experiência e nos elogios sinceros. A variação cultural pode me dizer, de um dia para outro, que as alterações cotidianas, com as devidas perspectivas, permitem simplificar o gesto e reaproximar os assuntos diários através da história, do design e das ideias, como criação de uma espécie de marca registrada.

A liberdade se faz necessária para soltar a imaginação com a força do compromisso ao abordar novas estratégias e enriquecer a visão; contribui para manter parcerias e implementar iniciativas inovadoras. Em Manoel Onofre Jr., *“... voltar é tão bom quanto partir. Quando voltamos, livres dos barulhos que a rotina foi depositando em nossa mente, adquirimos perspectivas novas em nosso cotidiano. Nos reciclamos.”*

GENERALIZAR

A generalização me leva a pensar na decadência do Ser e no cultivar o vazio. Ela me conduz a perder o tempo pensando formas para implantar a dignidade e expressar a justiça, que possam me amparar e defender a minha ideologia.

Acredito que é possível vencer os obstáculos gerados pela generalização ao expandir e fortalecer a ação e o pensamento, além da criação. Álvaro Moreyra nos traz, “E os homens... / Porque não plantam rosas nos caminhos...”.

Não generalizo o tempo, nem os segredos e muito menos os resultados, porque o hoje é transitório e dificulta a realização dos nossos desejos e fantasias, como a busca pela aceitação e participação dos sentidos para dar importância aos nossos pontos fracos e fortes, e assim desvendar a individualidade demarcada no nosso viver. Álvaro Moreyra ressalta que, “Igualando em força, / superando em bondade, / Pelo simples fato de ser bom. / Porque não sentem o rumor da mata, / A pulsação da seiva da vida”.

Busco a exceção, como movimento significativo, para promover o respeito aos direitos de quem quer viver em plenitude; prática estratégica que dificilmente encontro pelo caminho. Mas, onde estão as flores?

A realidade é estimulada por diferentes opiniões que formam o quadro das relações e que, muitas vezes, parece mecanizada, por deixar a escolha e a avaliação serem formadas pela generalização, sem o entendimento do comportamento, na contraversão e no desequilíbrio, ao permitir generalizar a situação, apontando-me como

indiferente, incompetente, inconstante, incompreendida, inoportuna, impertinente e tantas outras negações. Moreyra expressa, *“O meu barco de sonhos e de luz, / Transbordando de nardos e gerânios / Foi roubado por nuvens cor de chumbo / Foi perdido nos gritos da tormenta...”*.

Generalizar é essencial para compreender o mundo de hoje ou para (re/des)construir a nossa história ou apenas para nos deslumbrar com os excessos do modernismo e como exercício curioso. Ou simplesmente, como em Álvaro Moreyra, *“Vestimos as cores do acaso?”*.

GUARDAR

Guardo na memória o passado, que traz o sopro para o presente, onde recomeço o dia confiante. Sim, minha lembrança é o tempo em que a fantasia se mistura com o mundo real. Nas palavras de Sérgio Cohn, “... *(a vida já é um tempo / por demais interessante)*”.

Hoje me reencontro guardando segredos, amores e a poesia, não em caixas, sim, nos momentos revividos das mudanças. Aqueles expressivos que equilibram e recompensam a minha atenção, fornecendo revelações: os que me possibilitam guardar o que gosto, por exemplo, as obras de Ariano Suassuna: *O Auto da Compadecida* e *A Pedra do Reino*. Ariano, poeta, romancista, ficcionista, professor e dramaturgo é símbolo que revela, em suas obras, debates filosóficos, poética popular e a literatura de cordel. Conjuga várias facetas em que sintetiza, através do seu habitat, todo o mundo, a partir dos sertões nordestinos, mostrando como ao popular e o vulgo fazem bem à cultura brasileira.

Assim, como no poeta Suassuna, o tempo não me envelhece em relação aos meus interesses, pois, acredito ser benfazejo olhar “aquele momento” das emoções e dos marcos que traduzem a vida.

Guardo as histórias para permanecer nas mudanças que mexem, constroem e refletem as nossas raízes. Guardo datas, fatos e instantes, não no sentido de esconder, sim, para obter respostas e formas para chegar a minha conclusão. Minha maneira de compreender o mundo, interpretar as lembranças como verdades cotidianas, onde os sentimentos

são guardados pela relevância em minha vida. Para Sérgio Cohn, *“é isto / o que nos precipita / numa perspectiva afetuosa / de tudo // é isto - / o amor mínimo / que as coisas nos doam”*.

Considero que todos os guardados ocupam lugar na realidade, onde percebo as convicções tresloucadas como perspectiva e continuidade. Na medida com que misturo o passado e o presente, valorizo as ideias e as culturas que me representam no viver.

GRANDEZA

Um dia a mais em que você vê o sol nascer. Deixa de olhar a paz dos verdes ramos. Sente na amizade o mapa da vida. Relembra os momentos de carinho. Transforma a beleza em glória. Beija seus filhos diariamente.

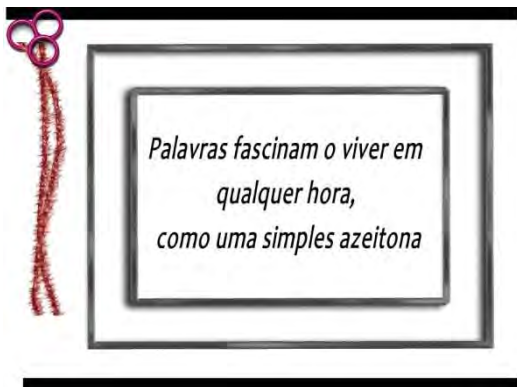
Um dia a mais em que conto as horas e os minutos e sua grandeza me faz pensar ser a morte maior do que a vida. Maiakóvski reflete, “... Não faça um sombrolho pensativo. / Se morrer, nesta vida, não é novo, / Tampouco há novidade em estar vivo”.

Pensar grande não é apenas dividir os pensamentos, mas, desejar além do horizonte e ter por instantes o coração ampliado em sentimentos. A sua mania de grandeza perpassa o meu desencanto; olho para você e não encontro no seu rosto o sorriso singelo.

Um dia a mais para recusar a sua desalentadora grandeza. Mais um minuto e grito desesperadamente, para que repense suas reações, em atitudes que me levam ao caos, na confusão que você expande no que nos cerca.

Tanta grandeza você carrega no peito, que contamina o nosso viver em círculo vicioso sem fim. Para Maiakóvski, “Como livrar-se de tanto lixo? / Só se / ele andasse / de cabeça para baixo. / Assim amontoaria mais pó...”.

Suspiro diante da sua grandeza; penso ser capaz de reinventar o suficiente no mundo que permita sorrir ante a morte.



LABIRINTO HUMANO

Depois de me surpreender positivamente e ficar fascinada com a tela de João Alves, *Labirinto Humano*, senti a necessidade de buscar a outra ponta, de ajustar as culturas através dos elos da arte. Há diferenças. Trocamos olhares entre a beleza e a perplexidade, porque a obra se assemelha, desde o título, com a essência do nosso viver. Mostra o nosso papel nas incursões da capacidade do artista em pincelar detalhes da nossa fragilidade. Para Maria Lucinda Busato Bueno, *“A vida é um constante processo de crescimento. Para cada momento vivido são acrescentados novos olhares,... novas compreensões de sentir a vida”*.

O talento de João Alves gera em mim um novo olhar sobre as nossas vidas. Sinto o quanto sou pequena ante os labirintos diários. Na arte encontro o principal aprendizado: tecer a vida; aprender e ensinar na busca pela humanidade, com desejos e desafios. Nas palavras de Dan Dyckman, *“... Há profundezas em todos os lugares que você olhar”*.

O artista plástico João Alves, demonstra que a arte é sempre maior do que nós. No *Labirinto Humano*, as cores estão em todos os lugares, como linhas exclusivas da vontade de cada um; como motivo de paixão e compromisso com o (sobre)viver. É obra ácida e corajosa que me leva a questionar sobre os direitos humanos: seriam para todos? Com pinceladas escreve episódios revelando os lados do labirinto em dimensões ocultas.

Respiro no cotidiano, quando tento alcançar o que e quem faz a diferença. Defendo a igualdade através da apreciação e do incentivo às artes plásticas. Como em Dan Dyckman, “... *ao acompanhar as linhas do labirinto... você estará olhando com linhas que se interpretam...*”. Linhas que reescrevem o viver; desfiguram os preconceitos e mantêm as relações com a nossa história. Ainda, expõem a contradição ao instigar a nossa consciência crítica. Arte apresentada como poema: em miragens e ilusões.

LIBERDADE II

Após conquistar a liberdade vivo a aventura interior, para mudar o meu rumo: viver ou morrer? Com dificuldade, transito diversos estilos ao criar ritmos que me possibilitam cativar e surpreender no dia a dia.

Recolocada no viver, com as devidas adaptações, valorizo o significado da palavra liberdade: desejo experimentar, testar limites, desafiar e distinguir a fantasia e o real – com risco de vida. Nas palavras de Vinícius de Moraes, “... *E as sombras se casam / Nos raios noturnos / Da rua perdida*”.

Ser livre marca o meu viver com reverência, para sentir as “*borbulhas do espumante*”; ter a vida ao meu lado; ouvir e contar histórias através do olhar sensível e comovente, como o entardecer, para descobrir que, mesmo com as limitações do corpo, o coração é que faz a diferença: viver ou morrer? Para Vinicius, “... *Num constante arremesso largo e aflito / Eu me espedaço em vão contra o infinito*”.

Limitada aos momentos especiais, transporto-me ao mundo em que me permito ouvir a voz das revelações, na perspectiva de pensamentos livres e reflexões sobre valores que, metaforicamente, são sabedorias tecidas nas redescobertas da sensibilidade. Vinícius de Moraes retrata, “... *Como ocultar a sombra em mim suspensa / Pelo martírio da memória imensa / Que a distância criou – fria de vida...*”.

Descubro o óbvio: para haver vida em comum, com alegrias, desafios e dilemas, antes da liberdade, preciso me decidir: viver ou morrer?



*Palavras são coadjuvantes
na vida diária; lembram o
aroma do limão sem açúcar.*

MOMENTOS

A vida se revela em momentos de alegria e tristeza; emoções e sentimentos marcam os acontecimentos no cotidiano. Há momentos que representam a combinação entre a inteligência e a curiosidade, como, quando questiono as inverdades, em que a interiorização é retratada para se aproximar da verdade, que me leva além do surpreendente. Espanta-me a inversão dos fatos na falsa constatação do valor; momento em que sinto insegurança e medo nos meus dias. Para Amós Oz, “... a curiosidade é condição necessária para todo trabalho intelectual ou científico... A curiosidade também é uma virtude moral”.

Entre bons e maus momentos há situações que me levam ao mundo de fatores extraordinários, sem o qual nada acontece. Nas palavras de T. S. Eliot, “em meu princípio está meu fim”. Então, busco momentos que tragam a história, junto com corretos valores e boas sensações, para que eu possa vencer cada etapa e obstáculo diário.

O fascínio do momento está no aprendizado e, assim, iniciar novas reflexões sobre o viver, até alcançar a expectativa e amadurecer a ideia, com o objetivo de não correr riscos de errar; mas, há momentos que posso reconstruir se acreditar que aprendo com os erros, o que pode ser provocativo e conflitante, sempre que há a possibilidade de vivenciar a decisão. Em Rodrigo Petrônio encontro que “... só os erros inscrevem um rosto humano no espelho”.

O momento é ponto de partida para opinar sobre o viver e suas nuances; para alcançar o resultado e me

engrandecer por tentar e nunca desistir dos meus ideais. Considero estar à mercê da cada momento para encontrar no meu horizonte os desejos e as suas realizações. Como em Rodrigo Petrônio, “... Perco-me num emaranhado de imagens. / Estou além do que penso e aquém do que sinto...”.

A vida se constitui de momentos em que desenvolvo a capacidade e a habilidade para fazer minha vida magnífica e interessante, impulsionando a esperança para a formação do amanhã.

Sempre são dia e hora de assumir a vantagem por haver o momento para colher os frutos. Manuel Bandeira revela, “... horas há que marcam fundo... / Feitas em cada um de nós, / De eternidades de segundo, / cuja saudade extingue a voz...”.

MARCADA HORA

Arrumo tempo para cumprir as obrigações. Por que não há hora para assistir às mudanças que tanto busco ou para fazer algo que me dê prazer e me enriqueça culturalmente?

É necessário marcar hora para conversar com os amigos e encontrar os familiares, sem o celular na mão e os olhos na tela?

Penso no que não fiz e gostaria de ter feito, houvesse tempo. A corrida cotidiana e a preocupação por viver na ansiedade faz com que me envolva mais e mais. No dia a dia, encontro mais ônus do que bônus. Alzemiرو Lídio Vieira descreve, *“O previsto e o imprevisível / Andam nas mesmas direções / Porque nos fatos consumados / são simultâneas as emoções...”*.

Preciso marcar hora para desacelerar e poder me extasiar com cada dia. Contemplo o horizonte no presente. Expresso meu ponto de vista para resgatar o futuro? Destemida, desato o nó do dia sem marcar as horas?

Verdade que, para isso, preciso tempo para desmarcar as horas, aprender novas lições e me posicionar de outra forma para encarar a vida. Confesso que estou sempre acompanhada do medo, como constante na geração da dúvida: seria a hora certa para abordar tal assunto e realizar tal mudança?

Logo imagino o pior, as pessoas podem não gostar da minha atitude e fazer do momento, vendaval. O que é importante para um, poderá não ser para o outro. Não há como adivinhar, mas, posso arrumar tempo para conversar

com o outro, sem estresse, e reacender a vontade de seguir em frente. Nas palavras de Alzemi L. Vieira, “... Já é hora da palavra / Cumprir bem a missão, / E fazer sua lavra / A melhor comunicação”.

Busco justificativas para adiar o lazer no desejo de me revelar em várias linguagens. Seria para driblar a saudade, a vergonha no palco, a outra opinião ou apenas espero pela hora certa?

Haveria hora marcada para conversar com os amigos e repensar que me encontrar com eles é algo espontâneo, rotineiro, não cerimonial. Em Alzemi, “... É uma noite divina / Que a vida propõe para nós, / Sem pensar qual o final / quero ouvir tua voz”.

O convívio ensina a escutar mais do que falar. É fundamental em qualquer relação demonstrar quem somos e o que sentimos. Liberdade é poder mudar as palavras e contar novas histórias com confiabilidade, carinho, gentileza e verdade, sem hora marcada.

MASCARAR A RAIZ

Chacrinha dizia, “*vim aqui para confundir, não para explicar!*”. Mascarar a raiz dos problemas, não é apurar e solucionar. Para Paulo Freire, “*conhecimento não se transfere, se constrói*”.

É inevitável que, no passar das horas, percebamos os “tantos” problemas que nos cercam diariamente, como a politicagem exposta aos quatro ventos, o cigarro dos outros, a poluição visual e sonora, as noites barulhentas e mal dormidas. Na opinião de Raul Seixas, “*Preocupar-se em sobreviver é esquecer de viver*”.

Depois de determinado tempo, os problemas se transformam em linhas aparentes em nossas vidas, deixando estragos como se fossem ecos de fortes ventos. Por vezes, roubam a nossa alegria, de tal forma, que ficamos com a aparência “opaca”, sem luminosidade para seguir em frente. De que vale perceber os problemas e apenas os mascarar?

Embarcamos no rumo de tijolo sobre tijolos, cimento, prédios que não ilustram a paisagem, o que nos deixa enrijecidos pela falta do verde e do ar puro. Guilherme de Brito e Cartola, em *A flor e o Espinho*, expressam desilusão, angústia e medo: “*tire teu sorriso do caminho / Que eu quero passar com a minha dor*”.

No entanto, usamos truques para mascarar no cotidiano a raiz dos problemas. Seria para recuperar a vontade, o vigor e o brilho pela vida, ou seria a solução para encarar o problema e tomar a atitude correta, na hora certa, para fazer

valer as nossas escolhas? Resolver problemas nos leva a reconstruir o viver que amanhã virá nos confortar.

Nosso viver e as experiências, boas ou ruins, nos encorajam a produzir, solucionar e combater os problemas na raiz. Até mesmo, repetir a dose na hora certa. Graciliano Ramos, na obra *Memórias do Cárcere*, descreve os tempos em que esteve na prisão, faz a análise psicológica do acontecido e, com realismo, retrata o Estado Novo, com seus militares e opressão.

Importante considerar o tempo em nossa vida, para evitarmos o uso das máscaras e fugirmos dos truques que podem mascarar a raiz dos problemas. Mário de Andrade, desgastado pelo trabalho, escreveu, “*Estou Me Suicidando aos Poucos*”.

A ação consiste no estímulo para retermos o conhecimento, o quadro, a opinião e conseguirmos a solução dos problemas sem o uso de máscaras. Manuel Bandeira diz que, “*a poesia está em tudo – tanto nas coisas lógicas como nas disparidades*”. Em razão da sua visão, em 1917, com recursos próprios, editou e publicou o seu primeiro livro, *A Cinza das Horas*.

MORTE (I)

A morte é linguagem universal, nasce da imaginação. Expressamos inquietação sobre o assunto e as perguntas surgem sobre a estrutura do viver.

Quando olhamos para dentro de nós vemos a hesitação diante da morte como o vento da harmonia que, por vezes, não entendemos o significado. Nas palavras de Lya Luft, “viver como talvez morrer, é recriar-se a cada momento”.

A morte é espetáculo de agitação dos sentidos, como n’A *Morte Feliz*, romance que Albert Camus preferiu não publicar em vida, que se divide em duas partes: *Morte Natural e A Morte Consciente*; Camus questiona, “como viver feliz a tal ponto que a própria morte seja feliz?”.

A estrutura e consequência da morte, mistérios da vida, chegam até nós como o ponto principal entre o mar e a montanha: difícil por nos gerar o desequilíbrio e nos exigir destreza ao estabelecer a conexão para aprendermos a lidar com a frustração e a saudade. Residimos o medo na inconsequência da certeza de que a morte nos encontre entre o mar e a montanha; um, a arte do viver e, outro, a solidão.

Vencer o desafio da morte é perceber o mundo em difíceis situações; jogar com a sensibilidade no momento crucial; aceitar a presença-ausência no conciliar o nosso pensamento ao nos vermos pequenos e perdidos ante a natureza, quando percebemos que a vida está impregnada do sofrimento.

Entre o mar e a montanha, caminho longo e misterioso; encaramos a morte sem direção e instrução para agirmos,

pois, ela vem sempre na contramão. Adélia Prado demonstra, no livro *A Faca no Peito*, também dividido em duas partes, *Por Causa da Beleza do Mundo e Por Causa do Amor*, imagens que expressam o medo e o amor.

A morte é cena que gera dúvidas quando procuramos seus valores e não os encontramos; quando vivenciamos as dores no limite do significado da perda. Para Álvaro Moreyra, em *Cada Um Carrega Seu Deserto*, a morte é enfrentada tormenta que delimita a fragilidade, fossem ondas gigantescas do mar prestes a arrebentar como força contrária, o que nos desequilibra pelo mistério do silêncio.

Na configuração da morte, encontro na beleza entre o mar e a montanha, na dor e no amor, na reflexão de Álvaro Moreyra, “*Então, por que teus olhos se apagaram... / Por que a tua voz na boca se calou... / Por que as tuas mãos no peito cruzaram... / Por que paraste... Então tudo acabou? // No fundo misterioso de um jazigo / Tantos anos de vida se enterraram? // Agora, anoiteceu. Estou sozinho. / Sozinho sim, mas nunca separado...*”.

MÃOS VAZIAS

Não estar de mãos vazias é estar cercada de amor e confiança; perspectivas e oportunidades; promessas cumpridas para assumir os desafios diários. Em Sophia de M. B. Andresen, *“Apesar das ruínas e da morte, / onde sempre acabou cada ilusão, / A força dos meus sonhos é tão forte, / Que de tudo renasce a exaltação / E nunca as minhas mãos ficam vazias”*.

Sinto atração pelo viver, onde encontro os resultados da minha dedicação. Contrariando o dito popular, planto ventos para não colher tempestades. Nas conquistas, a reflexão deixa claro que nunca estou com as mãos vazias.

Momento em que faço o balanço que me permite viver longe dos males do individualismo. Com independência, mantenho os sentidos para que a motivação leve a posicionar a realidade ao meu alcance, onde a técnica e a sensibilidade transformem e renovem o meu viver no visualizar a cena iluminada, porque tenho a liberdade em minhas mãos. Nas palavras de Sophia Andresen, *“Perfeito é não quebrar / A imaginária linha // Exacta é a recusa...”*.



*Palavras simples fazem da vida o
segredo;
como os queijos em variedades.*

NA SOMBRA DOS SENTIDOS

Socialmente falando, desempenhamos papel fundamental no mundo dos sentidos, ao discutirmos sobre a nossa “difícil” existência e convivência. A condição de “difícil” decorre de nos encontrarmos na igualdade e nas diferenças, o que não é compreendido com facilidade; há quem se sinta vitimado pelo preconceito dos “radicais”, o que penso ser fruto da intransigência e, até mesmo, da violência. Nas palavras de Ivaldino Tasca, “... *Por que a gente demora tanto para superar alguns traumas?... Agora, livre, tinha a incompreensão de que poderia ter se libertado antes do fardo. Pura bobagem, a gente se livra quando a gente consegue, nem antes, nem depois...*”.

Na sombra dos sentidos a intolerância se descobre no desejo não realizado e na incompreensão social e política, mais precisamente, na dúvida da individualidade vivenciada de maneiras diferentes e com resultados opostos; a cultura questionando valores frente ao universo da sensibilidade e do reencantamento pelo mundo através da ética e da moral. Agostinho Both questiona, “... *E quem somos nós diante do universo? Com certeza, não muito mais que um grilo no campo, entretanto, ele canta para as estrelas...*”.

Na sombra dos sentidos, pergunto: a razão está em descrédito na visão do mundo? A racionalidade foi engolida pela politicagem frente ao cenário de ruínas? Dançamos a música que acoberta os indícios ético-políticos na sombra dos sentidos da nossa existência?

Assim, sobrevivemos na imperdoável afronta à moralidade, como provocação aos sentidos; ponto virado em polêmicas decorrente da crise de valores. A respeitabilidade das opiniões se encontra em profunda contradição, onde o nosso relacionamento pessoal é conflituoso, que o saber questiona o poder. Perseu Abramo indaga “*circunstância ou tendência*”?

NÓS

Como é possível ignorar que na nossa vida o tempo se transforme, tão somente, em pensamentos? Como diz Jorge Luis Borges, *“Somos feitos de tempo, e o sentimos imediatamente, como os sabores e as cores. Se tentarmos defini-lo, ficará diluído em outras palavras”*.

Estamos acostumados a nos surpreender com a novidade? Ou apenas com a sensação decorrente do montante de novidades que surgem diariamente? Consideramos mais importante o que se repete? Quantas vezes nos pronunciamos com nossos valores pessoais? Somos capazes de nos encantar com riquezas que nem imaginamos ou, simplesmente, percebemos nossos dons nas variações das ações?

Como novidade, encontro o valor de Thomaz Albornoz Neves, quando retrata o real e o místico na história contada no livro *Golfe*, em que declara, *“... Se tivéssemos mais ternura na derrota não competiríamos contra o fracasso, nem despertaríamos através da competição os instintos mais primitivos da sobrevivência”*. Albornoz não ficou apenas nas palavras; partiu para ação ao se conceder e se fazer presente na criação, montagem e manutenção de escola para ensinar crianças carentes de Santana do Livramento a jogar golfe. Atitude preciosa em que, por certo, situa palavras para o momento daquela descoberta, como projeto de vida daqueles jovens, como eixo e porto seguro a auxiliar no sustento de suas existências.

O pensamento resiste quando surpreende o coração; Albornoz surpreende e resiste quando considero que o que ele

está plantando no o viver das crianças é riqueza e encantamento. Incorpora atitudes simples e positivas no dia a dia daquelas crianças, ajuda para garantir uma rotina saudável e criar esperanças pelo futuro. Assim, é possível fazê-los crescer em igualdade que, com o tempo e através dos gestos, possibilitará desenvolver a vida que existe em cada um. Mauro Eduardo Pommer revela, no livro *O Tempo Mágico de Jorge Luis Borges*, “... seria o homem um viajante no tempo, a escolher suas trilhas existenciais entre as possibilidades oferecidas por um mundo já pronto de universos paralelos?...”.

(NÃO) PARE DE RECLAMAR

A expectativa escolhida, com a pretensão de nos nutrir nas diversas situações do cotidiano, em nosso benefício, implica em parar de reclamar, não só no nosso entorno, mas, em relação ao mundo exterior.

Ninguém gosta de ouvir problemas e reclamações de terceiros. Todos já têm os seus para resolver. O desafio é constante: obstáculos, resistências, crenças, pensamentos, vícios, emoções e tantos outros comportamentos problemáticos, como na citação de Patrícia Hoffmann, *“Acreditava nas palavras / que saltam de bocas. / Acreditava em bocas. / Mas é preciso sagacidade para traduzir / humanos...”*.

O pensamento idealiza o acesso à vida e ao modo de agir para aceitar as mudanças. O inverso pode ser o correto. O essencial libera o supérfluo. A inspiração liberta a criatividade, como nas frases: *“A liquidez do amor. A beira dos humanos. Território das palavras. Há cacos de vidro na vida. Marinheiro do mar. O tempo é vencedor em sua incompatibilidade”*.

Quando nos deparamos com a incerteza, captamos e concebemos nuances no cotidiano, com seus valores e conceitos, inversamente secretos. Então, aproveitamos para construir, pois, o que ouvimos, lemos e vivenciamos, são atos registrados de forma única ou, às vezes, de forma diferente, com a possibilidade de sermos originais, como nas palavras de Patrícia Hoffmann, *“... Aviso às borboletas // Há areia na vida / cacos de vidro no ar”*.

Reclamar por reclamar é insistir sem solucionar a questão. Importante é a nossa atitude e como nos sentimos

para resolver o problema. Patrícia expressa, “... Já não durmo / atravesso poesia em claro. // Para passar noites a limpo, / garimpo a palavra frágil”.

Carregamos os contrastes do dia a dia. Somos moldados no que retratamos das emoções e da liberdade de expressão. Devemos estar preparados para as respostas dos questionamentos, que podem ser dispersas: vivemos os dias com a coragem de quem somos? Desaprendemos a delicadeza no movimento dos dias? As palavras calculam o ritmo das ondas do mar? Qual seria a face da morte? As multidões navegam solitariamente? Liberamos o jogo da vida? Onde ancoramos o caos? Movemos nossas vidas em suspensas cordas? Hoffmann questiona, “Profundo é o mar. / Não vêsz/ No submundo de amar. / A ferida que se fez? A razão afasta a palavra no que a emoção se abraça? Ecoamos medo de nossos labirintos, que se recriam, diariamente?”

Parar de reclamar, sem resolver as questões, não garante o bem estar; ao contrário, voltamos ao tempo em que moldavam nossas escolhas, na repetição do que todos faziam. Reclamar e argumentar nos dá a chance de contrapor, repaginar e reinventar as referências vivenciais. Ao nos conscientizar de que a vida ganha nova versão em cada problema apresentado, pelas histórias expressadas em sensações diversificadas, então, nos diferenciamos através das palavras.

Não paremos de reclamar, usemos argumentos; como em Patrícia, “em cada esquina uma vírgula / cravada. Uma escada invertida. /Em cada olho um poema / escorrido...”.

NA LUZ

A luz como último objetivo: dou a mão para acreditar que tudo acontece quando revelo minha personalidade, na existência de minha independência: exponho palavras sem medo.

Com a luminosidade volto meu olhar para único caminho, da sinceridade e humildade. Questiono-me como livrar-me do passado e narrar apenas o presente onde favelas não são cartões postais? Torquato Neto reflete, *“as luzes refletiam inconscientes / as sombras de desgraças espalhadas”*.

Digo da tristeza e de meus desejos para apropriar-me das respostas e atravessar a luz da esperança, pois, quando o Sol se põe, a sombra invade o meu espaço, como em Alcides Buss, *“... Transformam / imagens em névoas / sob o frágil abrigo / dos olhos”*.

Busco na luz olhar além das sombras incessantes das palavras sobre meus sentimentos: conservar os amigos é me abrir para o mundo; iluminar o caminho para não me sentir sem voz e apática como estátua. Encontro no livro de Pedro Du Bois, *A Luz Despossuída*, que *// Na luz ressurgue / surge e desaparece //... Sem alarde conta a história / como personagem / indelével // não há luz em seus olhos”*.



*Palavras revelam as
cores dos dias, como o
gosto doce amargo
das laranjas.*

O DESENREDO

Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro na música *Desenredo*, “... *A cera da vela queimando / O homem fazendo seu preço...*”-, demonstram que em nossos dias, as situações se apresentam com mistério ao sermos influenciados nas devidas oportunidades, necessidades e/ou vaidades. Nem sempre são posturas comas quais nos surpreendemos sem nos desiludir, porque vem embalada de embaraços e engodos. Carlos Nejar retrata, “... *Eis o preço: ser mortal. / E suportar*”; e Pedro Du Bois no livro *Desenredo* revela, “*No engano / o engodo / se apresenta / nu / no mundo / esperançoso / de gestos/ antes / e artimanhas. // Sofre / o sofrimento vil // retém o susto / em apostas...*”.

Num cenário, em que alguns, por holofotes ou pelos quinze minutos de fama, são capazes de divulgar avidamente a ideia de estarem enredados e deslumbrados para investir em valores. Então percebo que o conceito de cada um está em fazer o seu preço; o que considero relativo, subjetivo e individual. Sem contar o quanto é difícil encarar e entender tal atitude e intenção de quem faz seu preço e de quem paga o valor. Nelson Rodrigues afirma, “*O dinheiro compra tudo. Até o amor verdadeiro*”; Cristina Fonseca alerta, “... *aqui a contracultura é rapidamente absorvida pelo sistema... não é que o sujeito se venda, mas de fato... significa que pode sobreviver...*”.

Surpreendo-me com o (des) gosto pessoal, sem solidez e contramão. Descubro que, nesta situação, os dias ficam pródigos na falta de padrões-conduta-moral-ética- onde tudo

piora ao não desfazer o enredo: qual é o seu preço? De quanto (valor) estamos falando? Qual é o preço do nosso viver? Carlos Nejar responde, *“vimos pela mão das coisas, //... Os caminhos em nossa mão / rendidos, segregados // viemos / por nosso suprimento / de manhãs...”*.

A vida conspira para cada um fazer seu preço, porque há o reflexo da rota da concorrência; do jogo de palavras; das fofocas do negócio e do consumismo. Porém somos únicos e podemos evitar tal assombro em nosso viver.

Com rigor lidamos com nós mesmos para criar uma maneira de nos valorizar pela competência, talento, honestidade e sentimentos; onde cada etapa é crucial para definir os ímpetus criativos. Segundo Marshall McLuhan, *“todos os meios agem sobre nós de modo total, eles são tão penetrantes que suas consequências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais não deixam qualquer fração de nós mesmos inatingida, intocada ou inalterada”* e Carlos Nejar ressalta que, *“... equilibramos os anjos / com a asa dos demônios...”*.

O valor do nosso viver está em cumprir ao que nos propomos e, assim, aumentar a autoconfiança junto com o conhecimento, onde o ganhar dinheiro, obter sucesso e ser feliz é o preço da vida. Pablo Neruda reflete, *“Que pássaros ditam a ordem / do seu bando quando voam?”*.

OS DIAS...

Os dias passam depressa e quando percebemos é amanhã. No meio da noite acordo com as preocupações do dia a dia.

As crianças crescem feito *fermento* e a cada dia parecem mais tristes, presas em pensamentos, em vez de assistirem em liberdade a passagem das horas. Penso que sejam as mudanças corporais, os hormônios, os novos amigos, a tecnologia, até a semana repleta de compromissos, que as leva a pensar e repensar no como, quando e por quê. Questões presentes em seu viver. O bonito ou o feio, o certo ou o errado, construídos através dos dias, sempre corridos, até descobrirem se suas opções estão certas.

É através de seus olhares e atrás das suas palavras que demonstram suas necessidades e cuidados. Por vezes, sentem a incompreensão por viverem em torno de seus desejos e vontades. Para Gabriela Ziegler, *“O vento é feito / com seus movimentos / E me faz sentir / A palma da alma”*.

Os dias passam e as conversas entre as crianças se tornam mais misteriosas, pois, ocorre o desalinho entre o tempo livre e as responsabilidades, sem contar suas atitudes e desejos, entre pensamentos.

As crianças escutam as ideias sobre o viver e, a partir daí, constroem no tempo suas vozes em busca de serem ouvidas, fossem a torneira que pinga água continuamente, até que possa ser esclarecida sobre, *“afinal, que diabos estão querendo dizer sobre a vida”*? Ainda em Gabriela Ziegler, a reflexão: *“... Faço perguntas a mim mesma / E o vento me*

cochicha respostas // E segredinhos que nem mesmo eu / ou qualquer outro poeta sabe ou / Sabia, só conversando com o vento...”.

Os dias voam e cada criança carrega seus segredos que, por vezes, rói a imaginação e, outras vezes, arde no decorrer do vento. Então, fico a pensar sobre o que haveria de tão horrível para as crianças expressarem: *“não posso viver, mas não quero morrer”*. Hoje, elas são novas para compreenderem as mudanças. Amanhã, adultas, lembrarão os dias da infância com coragem e reconhecerão a aprendizagem em pensamentos realistas, para viver feliz e contemplar o luar e as flores, enquanto suas vozes ainda gritarão: *salvem-nos das horas, queremos dormir! Dormir é alcançar o amanhã com opções e realizações.*

Os dias param para eu escutar as crianças expressarem seus desejos, seus assuntos da hora, enquanto moldam esculturas em suas vidas. Nas palavras de Gabriela Ziegler, *“Quando o céu se pinta é arco íris / Quando voa é anjo / Quando dorme é sonho”*.

OLHAR SOBRE A ARTE

Revela Anésia Pacheco e Chaves, artista plástica, que *“o desenho pode ser apenas uma marca, criada para carimbar a própria presença”*. A arte demonstra o gosto e a personalidade em diversas inspirações; ao dar visibilidade ao vínculo na criação do artista, aprendemos e apreendemos o seu valor. Resalto o escultor e fotógrafo Frans Krajcberg, que defende a natureza porque acredita que (ainda) há salvação.

A influência da arte leva a reflexões sobre os desdobramentos da vida como referências que, por vezes, nos emocionam pela singularidade; é o caso de Frans Krajcberg que construiu obras com os esqueletos de árvores queimadas na Amazônia e no sertão da Bahia. O que há de mais significativo é apreciar a transformação, a ilusão e a sensibilidade nas composições. Mariana Ianelli descreve, *“... Da árvore / O tronco desfolhado / De mil galhos, mil oportunidades, / O curvar-se brandamente para o oeste, / Regalia sob a neve o que no verão foi armazenado...”*.

A busca da arte nas cores e traços torna a peça a chave que, como forma e captação, leva-nos à criatividade na elaboração das suas composições através dos detalhes que edificam a identificação do autor no processo de desenvolvimento.

Para cultivar o olhar sobre a arte é necessário gostar, para entender seu real valor. Encontro em Gilvan Cabral, *“recolheu folhas tombadas, em aramados que figuram lesmas e pássaros gigantes”* e, escreve Alcione Guimarães, *“monta*

paisagens com crânios de bois”; Agnaldo Coelho construiu uma panela espelhada “*montando a palavra FOME*”.

Interessante descobrir sobre o olhar na relação para com a arte, seja em questionamentos, curiosidades ou na superação, sempre em busca de respostas para a diversidade: o que ilustra o quê? As obras possibilitam desmontar os “ranços” comportamentais e o olhar ajuda nossos comportamentos, desejos e críticas ao expandirmos os limites e cultivarmos as ilustrações na vida. Toda obra de arte é algo inusitado e, em certas situações, apenas simples beleza abstrata.

Não é responder as questões, que a criatividade como arte se esparrama entre as fendas do viver e envolve imagens em leituras da cultura sobreposta em cores que retratam a história. Nas palavras de Pedro Du Bois, “*Sombra da obra // nova // projetada / sobre a cultura // anterior // Obscurece / engloba / transforma // ilumina*”.

Saliento a arte pública, aquela exposta em locais abertos, incomuns e que nos instigam pela criação e localização. Isa Costa “*descortina sua ferida ogival, mostrando numa escultura de dois centímetros, vermelha feita de cera*”.

Olhar pelas artes emoldura nossos limites em formas que desnudam a nossa consciência, ainda, evocam possível interrogação futura: fixaremos o olhar nas falhas, na profusão de ideias decorrente dos deslizes na vida?

O LIVRO (NÃO ABARCA O MUNDO)

O livro carrega vozes e fragilidades; evoca sombras e atravessa caminhos enquanto reverte o silêncio; corta e pulsa o tempo presente.

Acredito que o livro intensifica o diálogo ao percebermos com clareza que as palavras são limitadas e, por vezes, não abarcam o mundo como forma de expressão.

O estilo e o gênero literário revelam o tempo de crise em que vivemos, pois, as palavras movimentam o mundo com alarde. Para Vera Lúcia de Oliveira, *“as palavras tombadas / na folha são / pingos de chuva //... pingos amanhecidos // enxurrada de imagens / represa de sonhos raivas coisas e / tumulto...”*.

São consequências da crise os diversos formatos para confabular através do livro, que espio para ver nas folhas as palavras que podem cair como ramos, porque rabiscam formas de lucidez, verdades e mentiras marcando a partida, os vícios e a criação, fosse o espinho rasgando as palavras. Vera Lúcia revela, *“... a dor só gosta do presente / do verbo / rasgar...”*.

Há palavras expressadas no livro que dizem respeito à dor, às asas das borboletas, à escritura do nome e à falsidade que, aos poucos, se transformam em amanheceres mais dificultosos, como se vivêssemos tempos sem identidade própria. As palavras ciosas acontecem de acordo com o que vivemos – nos olho de quem vê – e, quem hoje vê, sente o excesso de linguagem no romper a história mal contada e na experimentação, como perspectiva de atos em que o livro não abarca o mundo.



PROVOCAÇÃO

Provocar a reflexão sobre como podemos atingir a qualidade na vida é investir na importância dos atos, tomar coragem e se empoderar, para superar o medo nos desafios diários. Mário Faustino revela, *“Eu quero uma coroa que não esmague a cabeça”*.

Contrariar e mostrar o outro lado pode desfazer a imagem de conservadorismo e, ao mesmo tempo, revelar o quanto podemos crescer cuidando dos detalhes rotineiros e ter uma vida mais equilibrada; aprender e ensinar a ir devagar sem desanimar; experimentar a desconstrução e a reconstrução do viver, a ser convertido em algo bom e justo para todos. Mário Faustino questiona, *“Que pé terá batido esse compasso, / que água suavizou vossos gorjeios?”* e *“... Que vale o lenço impuro de elegia / sobre teu rosto, lúcida alegria?”*.

A pluralidade nas provocações são características marcantes, para se alcançar o resultado no conjunto variado da diversidade do pensamento em seus paralelos históricos. Em Clarice Lispector, *“Somos criadas para competir, mas juntos somos mais fortes”*.

A provocação é válida para a mudança, como defesa e proteção no cotidiano, em contraponto ao ódio implantado como linguagem. Ao buscar tal determinação, descubro quem está perto e quem poderá se juntar aos nossos esforços por uma vida digna.

O desejo de mudar para o que considero essencial é provocado pelo olhar para fora, que nos permite a visão interior e serve para refletirmos pela ordenação do *“caos”* e,

assim, poderemos melhorar o mundo. Mário Faustino declara, “... O mundo que venci deu-me um amor / Amor feito de insulto e pranto e riso //... Amor que dorme e treme. Que desperta / E torna contra mim, e me devora / E me ruma em cantos de vitória.../ As trêmulas imagens de seus anos...”.

PORTA-RETRATOS SEM FOTO?

para Dra. Dóris Weiss

Na entrevista, noto sobre a mesa de trabalho, o porta-retratos prateado sem foto. Chama-me atenção, porque no mínimo é diferente no máximo é marcante. É a comprovação estrita de que o trabalho está ultrapassando no tempo da vida do entrevistador? Sueli Gehlen Frosi expressa, *“A vida não foi feita para os sábios, mas para as pessoas que sentem”*.

Todos desejamos um tempo livre, mas é difícil fechar o foco quando nos desafiamos com determinação aos objetivos do trabalho. Isto pode nos levar a surpresas no trajeto de como falta-nos tempo para, até, escolher uma fotografia para o porta-retratos. Helena Rotta de Camargo reflete, *“reserve um tempo para rever as fotografias... trocar ideias com o passado. O saudosismo é um excelente bálsamo para os desencantos da alma”*.

A ausência da fotografia no porta-retratos, pode representar o modo de reconhecimento da minha parte, como entrevistado. Ou, simplesmente, especulo que, talvez, a saudade seja grande, que o entrevistador não consegue permanecer com a lembrança, através do retrato, na mesa de trabalho.

Reconheço e respeito os limites, as necessidades, os planos e as possibilidades da realização dos desejos como um dia depois do outro, uma coisa de cada vez e tudo ao seu tempo. Sueli Frosi alerta, *“vivemos tempos em que é imperativo aprender a desaprender para aprender de novo”*.

Tal situação me convida a trazer um pouco de fantasia, para contrapor a regra do porta-retratos, que vai do mínimo ao máximo; do sutil ao notório sem perder a cena: ele está de frente para mim (entrevistado) e sem foto. O que me leva a pensar na forma como olho para ele vazio e vejo o nada? Ou posso imaginar alguém que desejo por perto? Eduardo Alves da Costa demonstra, “... *Pensam no futuro, na posteridade e têm necessidade da fotografia...*”.

Priorizamos em nossa vida a maneira simples e direta sobre as relações, mas por vezes, deixamos nos levar pela dedicação ao trabalho e, neste momento, não percebemos a importância da foto no porta-retratos.

Confronto a realidade com metáforas em diferentes contextos, como “o que os olhos não veem o coração não sente”. Ou, que vazio preenche o porta-retratos, se ele está entre papéis? Significa apenas o objeto sem retrato ou sem a passagem para a memória como história?

Considero que o porta-retratos na mesa de trabalho, é para colocar a fotografia que atesta o nosso interesse por alguém que julgamos importante em nossa viver. Também, tenho a sensação de quem olha para o porta-retratos, sente a presença de quem desejamos por perto; isto vai além dos nossos limites da emoção.

Esta situação tem formato diferente e me leva a nova forma de pensamento: reflito sobre o estilo de vida, mesmo que eu não saiba como atuar diante do porta-retratos vazio. Nas palavras de Agostinho Both, “... *nosso pensamento está livre para representar um novo tempo...Que nossos braços tenham força para cumprir nossas palavras*”.

PERDÃO

Mário Lago dizia que o “*perdão foi feito para a gente pedir*”. Ao perdoar, vivo a história sem preço a pagar ou a receber; arrependo-me dos atos para manter o olhar sobre a verdade.

Expor a verdade ante o significado do perdão é dinâmica para conceber e ser perdoado. Nas palavras de Eduardo Alves da Costa, “*Aos que trazem o coração em sobressalto / recomenda-se que ponham mão ao lado / e deixem para depois o que poderiam / fazer agora, pois a demora, além de ser / uma arte, aprimora a ação...*”.

Quando me proponho a discutir as atitudes em relação ao perdão, posso abordá-lo como assunto do dia, pois, no perdão são transmitidos os sentimentos de minha vida interior, carregados e apresentados como fontes tocantes nos dias em que necessito de dose de sinceridade e carinho, para evitar a solidão. Como questiona Eduardo da Costa, “*De que serve a lucidez / se estás sozinho quando vês?*”.

Considero o perdão ser ato misterioso que explica a razão da mudança, mesmo não sabendo quais serão os resultados que poderei alcançar em relação a determinado ato. Para Eduardo, “*A melhor amiga do homem é a despreocupação...*”. Acredito que todos têm interesse em perdoar, de certa forma, para a sobrevivência, já que a vida diariamente nos surpreende de alguma forma.

Perdoar e ser perdoado são formas conectadas que mexem com os sentidos e tem a ver com o bem estar. No perdão não há modismos, nem a máscara certa para vivenciar

tal decisão. Eduardo da Costa completa, “... *Se eu soubesse fluir seria um rio / e não estaria a lhe dizer o que fazer*”.

É difícil ver o mundo desabar de uma hora para outra, por não caber o perdão no cotidiano, ou seja, quando me revelo contra o tempo e os sentidos. Com o perdão posso viver o grande amor e existir enquanto sonho; atitudes que me deixam alegre e aliviada, por renovar a compreensão sobre a vida, o que me leva a refletir sobre as questões presentes em meus dias: há perdão para todos?

PODER SE REINVENTAR

A vida não é jogo de dados onde se espera pela sorte para buscar a realização. É preciso descobrir um novo viver, porque cada dia é recomeço.

Cuidar da vida é poder se reinventar. É se identificar ao dia seguinte. Prender-se nos detalhes que inspiram para recomeçar em nova espera. Leonard Cohen diz que, “... *Aprendi a escrever / o que pudesse ser lido / em noites como essa / por alguém assim como eu*”. Não se trata de sorte ou azar, mas, de concentração nos momentos que julgamos especiais, com agilidade e segurança.

José Mojica, diretor de cinema, nasceu em 13 de março de 1936, uma sexta feira. Ele teve sorte ou azar ao se reinventar? No seu primeiro filme, *O Juízo Final*, ele escolheu uma moça com muitos irmãos para namorar, então, todos trabalharam como atores no filme. Quando o namoro terminou ele ficou sem equipe para trabalhar. No passar dos anos, transformou-se em grande realizador brasileiro de filmes de terror.

É alentador perceber ao longo dos dias que sempre há maneiras de se reinventar, independente do tempo, para se libertar das ideias predeterminadas. Prova disto são os resultados descritos em páginas, palavras, ações e traços na reflexão de quem queremos ser agora e no futuro.

Nosso mundo sabe ser doloroso e competitivo. Só com muito trabalho e devoção somos capazes de reinventar as cenas do cotidiano, de maneira compreensível. Não faz sentido trabalhar apenas para ganhar dinheiro; é necessário fazer algo

para reinventar a conexão com as pessoas, para reaprendermos a dividir o espaço de forma acessível, por acreditar naquilo que nos encanta.

As perdas e ganhos trazem o segredo como parceria para se mudar o viver, com novas criações e adaptações no cotidiano. Leonard Cohen expressa, *“Perdoe-me companheiros, / Eu canto isso apenas para aqueles / que não se importam com quem ganha à guerra”*.

A vida pede que se explore a paisagem como sobrevivência, para seguirmos em frente, que o processo de recriação é satisfatório para os sentidos quando alcançam a conquista.

Não é jogo de sorte ou azar, é quebra-cabeça que nos mostra a mistura de peças, em diferentes formatos, com a possibilidade de aproveitarmos a luz do dia e o beijo dos filhos; vivenciarmos o silêncio e reconhecermos a ruindade. Assim, a vida é cotidiana reinvenção, para sermos capazes de lidar melhor com a nossa realidade; como em Cohen, *“... Agora navego de céu em céu / E toda a escuridão passada / canta contra o bote que fiz / Das asas mutiladas...”*.

POR QUE VOCÊ NÃO SAI DA JANELA?

Fico impressionada quando passo, diariamente, no final da tarde, pela rua Bento Gonçalves, em Passo Fundo, e o vejo debruçado na janela. Resta-me o murmúrio do silêncio encorpado de mistério. Como Maria Helena Latini retrata, *Olho a janela: / a vida pulsa / na plácida paisagem*".

Ouçó história que dizem do seu passado. Em minha visão, você ousa alcançar a paisagem onde pode encontrar o lugar da verdade sem se importar em retornar, como consolo no mastigar a essência do tempo.

Sinto a sua sombra como a necessidade de ali estar, faça sol ou chuva. Tento tematizar sua essência através do seu triste olhar. Seria inverter o sentido da vida como parte do seu próprio ser em sua verdade, ou determinar o tempo diluído em dias pela permanência na janela? Qual será a sua verdadeira história? Enquanto na janela, debruçado no parapeito, cria asas? Será que me vê? Latini expressa, "*... Minha janela é mais/ um buraco / geométrico /nessa cidade...// Vezes penso: / Não quero mais o vício da paixão*".

Na medida em que apenas o vejo na janela, espelho os motivos da sua diária contemplação: ser confinado em pensamentos e na essência de sua vida amarrada.

O fato é que a sua existência me impõe o acontecer, impregna-me da configuração do destino e determina o sentido da sua essência em minha verdade: por que você não sai da janela? Segundo Leonard Cohen, "*Quando olho os prédios de madrugada / juro que vejo um rosto em cada janela / que me olha de volta...*".



RISCAR O VIDRO DA JANELA

(em memória de Carmen Sílvia Presotto)

A chuva risca o vidro da janela enquanto o interior do quarto está em silêncio. Escuto meus pensamentos despertados pelo trovão, como grito da minha solidão. Nas palavras de Pedro Du Bois *“não tendo você comigo nas horas tardias, / nada terei quando o amanhã chegar...”*.

Estou fragilizada em recordações quando o barulho da chuva riscando o vidro traz a realidade: a morte de Carmen Sílvia Presotto, minha amiga de sempre: Tita. Por algum tempo, roda a minha mente e a dor aperta entre lembranças nas imagens de gestos e horas que não passam.

Em outros tempos era você, minha amiga, que estava por perto com novidades, colocando a literatura poética no centro da cultura pelos quatro cantos da vida. Conversávamos neste quarto, agora vazio. Sem a sua presença, sinto-me sem luz. Lembro ouvirmos os discos de Chico Buarque e Elis Regina, a última revelação era Maria Betânia, no pequeno e monofônico toca-discos do Pedro. Saudades! Bons tempos em que as novidades trazidas pelo seu irmão, que estudava na capital, alegravam nossas vidas. Dividimos sentidos e sentimentos que, para Pedro Du Bois, *“falam das emoções / inesgotáveis dos amores/ e das sensações individuais/ da vitória”*.

Hoje, o riscar da chuva no vidro da janela revela a saudade nos símbolos da nossa amizade. Outra angústia pela sua partida. Angústia de não mais rever o seu sorriso largo, fosse meu sol brilhante. Neste mundo, a chuva na janela são

lágrimas que contornam o tempo ameaçador e condutor da tristeza e desânimo para iniciar a riscar a página em branco.

Momento de dor e angústia em que escuto Leonardo Cohen, com sua voz rouca e grave, cantando *Aleluia, Aleluia*. Em homenagem, repito e repito a música na certeza de estar lhe dando forte abraço de despedida, na esperança de que nossos sonhos façam eco em outras vidas. Como escreveu Pedro Du Bois, “temos que ser a memória infinita / compensando tempos eternos”.

Saio da penumbra do quarto, diante da janela choro a sua ausência; risco no vidro o seu nome. Ao meu redor tudo está triste. Carmen, seus livros: *Dobras do Tempo*, *Encaixes e Postigos* estão e estarão ao meu lado, fazendo-me companhia e *conVersando* comigo. Como em Milton Hatoun, “Hoje ressurgue na minha memória como uma câmara de luz”.



REDE DE PROTEÇÃO

Li que “*meu pai se atirava no mundo sem rede de proteção*”. Interpreto que a pessoa com tal coragem se distingue pelo caráter permissivo e sossego; criado com rédeas soltas e o coração aberto para assumir suas atitudes e justificar suas ações. Como demonstra René Char, “*Não sabendo mais de tanta seiva triunfante devia cantar ou calar, abri o punho do Tempo e apanhei sua colheita*”.

Por outro lado, tenho motivos para acreditar que essa pessoa pode ser avessa às convenções e às regras do viver; indisciplinado que, talvez, sofra menos com a perda. O que me intriga é como essa pessoa lida com a culpa e a surpresa? Com a verdade e o tempo? Para René Char, “*Temos em nós extensões imensas que jamais chegaremos a pisar; mas elas são úteis à aridez de nossos climas, próprios tanto ao nosso despertar como as nossas perdições*”.

Cair no mundo atual sem rede de proteção me faz vislumbrar a face cruel da vida na proporção desigual do cotidiano; das traições, restrições e percalços no decorrer das horas. Tal comportamento pode ofuscar a tranquilidade e desvendar as demandas que, certamente, tolem a liberdade. Nas palavras de Char, “*Idêntica sabedoria, tu que compões o futuro sem crer no peso que desanima...*”.

Lançar-se ao mundo é encantar-se pelo desafio de reconstruir o viver. Refiro-me a quem em que uma coisa reforça a outra com empolgação, deslizos e limitações impostas pelo tempo. René expressa, “*O tempo rasga e poda. Um clarão dele se afasta: / nossa faca*”.

Para sair mundo a fora sem rede de proteção é preciso confiar em si para presenciar a injustiça e se envolver com a preocupação do outro. Assim, podemos lidar com as complexidades da vida que, com certeza, encontra-se na difícil tarefa de definição do melhor do mundo. A vida redefine as questões: como aceitar apenas uma versão dos fatos? Como definirmos a verdade no que há o verdadeiro sentido? Como decidirmos o hoje no momento presente? Como será o tempo de vivermos sem a rede de proteção? Ou será que a sensação imitará o trapezista no salto mortal? Ana Maria Lopes retrata, *“Trapézio sem rede, / corda bamba que treme / viver sem medo / amar sem sede // nunca mais”*.

RESULTADO ESPERADO

Posturas e atitudes são focos que desenvolvemos para alcançar o resultado desejado. Traçamos planos na complexidade das atividades diárias, que ajudam a eliminar as dificuldades e atingir as nossas metas. Como diz José Saramago, *“Tentei não fazer nada na vida que envergonhasse a criança que fui”*.

A representação fiel a nós mesmos é capaz de interferir e comprometer a nossa comunicação para chegar ao resultado esperado. Manuel Onofre Jr. demonstra: *“quantas vezes vivenciamos, no cotidiano, momentos de poesia, que não sabemos transpor para a escrita”*.

Construir e reconstruir nos permite permanecer junto de quem amamos, de fazer o que gostamos, de estender a mão ao próximo e de manter posturas que resgatem o equilíbrio junto ao tempo. Também, são atitudes que nos beneficiam por nos conscientizar da postura para o melhor resultado cotidiano. O que Drummond sintetizou ao escrever que *“Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo”*.

Executar e acolher novas ideias permite que nos reposicionemos na estrutura do viver. Claro, cada um com a sua posição, opinião, alinhamento e alterações, que estão relacionados com o bem viver e a informação, cada dia mais acessível para todos. Nelas encontramos as respostas para as dúvidas e o encaminhamento ao resultado concretizado. Nas palavras de Gabriel Garcia Marquez, *“Aprendi que o homem só tem o direito de olhar um outro de cima para baixo para ajudá-lo a levantar-se”*.

Atualmente, as palavras *alcançar* e *resultado*, são tentativas de estabelecer prioridades, por vezes ilusórias, nos processos que dão sentido em nossas vidas, como o tecnológico, por exemplo.

Importante perceber que, na nossa rotina, podemos viver com simplicidade, mesmo considerando os sintomas, atos, respostas, sentidos, sentimentos, palavras e ações em relação ao tempo e espaço, quando refletimos a possibilidade de chegar ao resultado construído; ou, até mesmo como boa chance na espera pelo desfecho favorável. Manuel Onofre Jr retrata, *“Todo curriculum vitae deveria ter, imprescindível, o lado sombra, o lado humano verdadeiro, de cada um”*.

RITMOS (I)

O poeta Pedro Du Bois diz que “... *Algumas pessoas se limitam. / Não permitem que o outro seja / sua infinitude. Guardam em pedaços / a impropriedade de serem únicos / a (re)descobrir a multifacetada ordem / de quem se recolhe...*”.

Há muito tempo o poema e a música balançam meus sentidos e levam a desejar o efeito do antes, acelerando o ritmo do meu coração.

A rotina é a primeira a passar por mudanças, para priorizar o viver livre, leve e solta no fazer o que me dá prazer. Sou como o vento em que o tempo passa e justifica a consequência natural de viver para envelhecer.

Acredito que o ontem se revela no hoje; justo, onde entra a parte em que olho para trás sem medo e vejo o quanto de lembranças relevantes acumulei ao longo dos anos, ditando o ritmo do meu viver; como as artes, as palavras significam a minha memória.

Tenho a ideia de que tudo gira em torno dos ritmos, seja nos encontros e desencontros, simplificando o meu cotidiano e dando-me a certeza de que me benefico quando admiro a obra de arte “*Ritmos*”, do artista plástico Claude Lorin.

De fato, tenho o poder de desejar sem sofrer; de tecer o viver com amor ao perceber que posso transformar a realidade em que me insiro; mesmo nas noites mal dormidas defino o meu ritmo entre as horas. Nas palavras de Pedro Du Bois, “*Algumas pessoas findam / na magia de quebrar o encanto*

/ ao desenlace. Nada a ser recriminado. / Apenas o desdém com que tratam o desprovido / em suas inigualáveis pertinências...”

Todas as vezes que sinto falta do ritmo, no brilho do ritmo acelerado, procuro controlar a emoção através das lembranças; imagens que representam ao longo dos anos o significado dos sentimentos ao rever os momentos vencidos na barreira do tempo.

A mágica é o ritmo de Tim Mais na música, *”É Primavera // Te amo // Meu amor / trago esta rosa / Para te dar / Meu amor / Hoje o céu está tão lindo...”*

Mais um dos tantos “truques” que exercito para envelhecer com alegria e me sentir merecedora do tempo. Abro caminhos para sorrir nos momentos em que me posiciono para amar, mesmo com as mudanças temporais à flor da pele.

RUA

A vida se agita em paixões que se equivalem nas lembranças. Para mim é a importância das brincadeiras de rua.

Tudo nasce do contraste, no tropeço em alguém na rua. São intervenções de que, por vezes, temo sair “chamuscada” em ações e reações. No sentido existencial a vida na rua já foi mais segura e bonita. Algo diferente, admirável e tranquilo do que temos hoje, em que, para sair pelas ruas temos que ser prudentes todo o tempo. Como no poema *Rap Hour*, de Márcio Almeida: “... se vale a pena a correria para nada, / em cada rua uma oferta de trouxinha, / pra comer, a menor tira a calcinha. // hora do rush faz o transe da babel, / em cada esquina um assalto de tocaia: / o caos urbano cheira crack e a xarel, / loura gelada, muito sexo e só gandaia...”.

Meu propósito não é criticar a segurança, mas, expor as preocupações: a primeira, de que a conquistada liberdade de ir e vir se resume em não sair às ruas; teoricamente, deveríamos andar pelas ruas com a leveza do vento. Na prática, saímos com medo e por necessidade, sentindo-nos inseguros, sempre cuidando quem está por perto. Seguramos nossos pertences junto ao corpo, fosse alguém nos atacar. Márcio Almeida revela, “É mais um dia de perda de sentido, / família, Deus, o mercado – tudo é prensa, / nessa mistura fast-food com bandido, no correr atrás da vida que não pensa //... Não há escolha nessa troca de mentira, / a pressa corre e dá de cara com o perigo, / ninguém sabe se o que mata é fome ou o tira, / se o que morre será mesmo o inimigo”.

A interpretação que faço do perigo nas ruas decorre de a vida moderna exigir atitudes de proteção para evitar possíveis tensões, frustrações e desgraças. O significado pode ser inverso, quando lembramos os tempos em que passear pelas ruas tinha importância, poder e glamour; como dizíamos, com “toda a pompa”. Bastava pensar com quem nos encontraríamos, nos olhares e na romântica situação, mesmo platônica. Podíamos sonhar com o amanhã.

Hoje, saímos quase por pura necessidade e torcemos para não vivenciar os percalços, como constante amarração. Noto que poucos sorriem e muitos nem respondem aos cumprimentos; não reparam se ainda é dia. São movidos pela pressa e o medo. Nas palavras de Márcio Almeida, *“Hora de Ângelus quer dizer adrenalina, / o desafio é chegar inteiro em casa, / herói urbano com nervos de gasolina, / que a contramão dessa briga cria asas. // Aperte o cinto que a noite é de pega, / a fauna solta vem malhando o arrastão, / o bebum louco liga o farol que cega, / a avenida vira pista de avião”*.

Tenho a sensação de que tanta violência, impacto e susto, por assim dizer, nos leva a olhar com resguardadas proporções, pois, somos suggestionados e dirigidos pelo medo, porque concluo que a rua, hoje, serve apenas para retornarmos para casa, confiando na sorte. Ainda em Márcio Almeida, *“... A maioria se espreme no ônibus, / e não se livra da gangue à mão armada; / daqui a pouco preso mora em camburão, / a violência é só oferta com porrada. //... Vidro suspenso que lá vem o trombadinha, / na sequencia bando troncho de pivetes, / e o táxi por sequestro sai da linha, / você decide: um balaço ou canivete. // Quem vai de carro curte sarro*

com o estresse, / e como pária foge do engarrafamento, / chuva miúda, óleo na pista, a curva em S, / a tevê mostra os presuntos do momento...”.

Se formos passear pelas ruas correremos o risco, provindo das profundezas do perigo que nos espreita, de a qualquer momento, toparmos com *as verdades* que nos farão reféns, fantasmas e habitantes, sem termos direito ao nosso caminho. Independente de estar ou não confortável na rua, finjo não perceber o perigo; corro muitas vezes, noutras, disfarço o medo, olhando a natureza e a arquitetura da cidade.

Iludo-me ao acreditar que possam existir ruas que apresentem a esperança e que, repentinamente, se transformem no cenário e na passagem de caminhos iluminados e livres. Mas, o poeta Márcio Almeida, novamente me traz a realidade ao escrever que, “... *E viva a vida na vã veloz cidade, / onde escapar é o prêmio que alerta: / pisar mais fundo é sentir a liberdade / e o inferno tem a porta sempre aberta.*”



SOB O GUARDA-CHUVA

ao amigo Raul Pargendler

Diante da janela, vejo pessoas em passos largos na rua, fugindo da chuva. Observo o homem de chapéu, sob o guarda-chuva, em passos curtos e lentos. É comovente a cena e merece ser fotografada para ser lembrada em dias indiferentes. Nas palavras de Sidney Joel, “... Há homens que não tem brilho seu, / são cópia de cópia alheia, / A criação neles não nasceu...”.

Assim, vejo o homem bem vestido, com ar misterioso, sob o guarda-chuva, como imagem de filme antigo – em preto e branco. Causa-me admiração. Porém, não sei se ele está triste por sentir a chuva molhando o seu casaco; por estar sozinho, ou se é o tempo trazido em alento que redefine o seu processo de viver no instantâneo da cena.

Respiro a liberdade da imagem e invento formas para pensar no flagrante como possível versão de coragem e conquista. É imagem que se apresenta no significado da sensibilidade versus a solidão; quanto ir ao encontro do desejo formatado no viver a rotina que, em Antonio Olinto, “... Achou que era melhor cruzar as mãos / para as janelas compadecidas / e contar os pingos / da chuva sobre as veias paradas...”.

Busco explicações para desvendar a vida na figura do homem que, elegante sob o guarda-chuva, passa em frente e, num movimento, remexe com a minha imaginação; não como ornamento, mas, como escolha em que ousa refletir sobre valores emocionais. Então, questiono-me: quem é esse homem

que saiu a caminhar sozinho na chuva? Por que usa chapéu se está protegido pelo guarda-chuva? Será para se esconder? De quem?

O interessante é que o notei. Ele fez diferença no meu dia de aguaceiros; por isso, não o esquecerei. Carmen Presotto expressa que *“Não se pode deter os instantes, crio / ao viver paratempus //... Deixo aos dias nuvens dispersas...”*.

A vida acontece diante da janela no flagrante como capto o momento para contrabalançar a emoção com a razão no viver. Não posso medir a cena, apenas sentir. Quando vivo tais sentimentos, minha mente clica fotograficamente o instante de fascínio, que reverencio em silêncio; tenho tolerância para buscar recursos e força para os fatores rotineiros. Marcos A. I. de Oliveira filho revela, *“Um dia andei / Sem destino certo / E as minhas emoções me entreguei / Tentando saber o que quero...”*.



SINAL FECHADO

A vida parece perder o sentido quando o sinal de trânsito fecha, porque o medo se apresenta em qualquer hora e situação. Parece rótulo, mas, é realidade. Tudo pode acontecer durante o sinal fechado: abordagem de ladrões, vendedores ambulantes, malabaristas, pedintes, ofertas da Bíblia e, até, pessoas fingindo ser paraplégicas, em cadeiras de roda, esmolando.

Digo estar perdendo o sentido, pois não podemos esboçar reações. O medo comporta nossas atitudes em relação à maldade que poderemos sofrer. Thomaz Albornoz Neves expressa, *“Em silêncio / a passagem // Sol sem imagem”*.

Ando pelas ruas em agonia. Não tenho mais o prazer de apreciar a arquitetura dos prédios, a jardinagem, as praças, nem o vento através da janela aberta do carro. Sempre com a preocupação de me cuidar no sinal, quando fechado. Silvio Duncan pergunta, *“... porque somos as vítimas / deste tempo perdido?”*.

Até quando seremos reféns do medo? Até quando nos manteremos presos em nossas gaiolas? Até quando espiaremos a vida pelo vidro da janela? Até quando ficaremos no silêncio assustador? Criaremos coragem para desafiar a desesperança e nos encontrar sem medo de ser feliz?

Sempre espio todos os lados, no sinal fechado, pelo medo de ser abordada para nada. Medo que interfere na hora da decisão e, pior, cria mistérios pela desconfiança dificultando a rotina.

Parece demagogia, mas, não nos sentimos seguros, no momento em que paramos nos semáforos e alguém nos encara; o pensamento vasculha a lembrança na procura da exceção como garantia de vida. Outra vez o que encontro é o medo da violência sem motivo. Gilberto Gil e Caetano Veloso compuseram que “... Tudo é perigoso / tudo é divino e maravilhoso //... É preciso estar atento e forte / Não temos tempo de temer a morte...”.

Perco o sono pensando maneiras de conferir dignidade aos desfavorecidos, sem ideologia ou desesperança, para que todos possam proteger a liberdade e, assim, possamos contar histórias aos nossos bisnetos. Paulinho da Viola, na composição do *Sinal Fechado* revela, “Olá como vai? //... - tudo bem! Eu vou indo, correndo pegar meu lugar no futuro... E você?/ - tudo bem! Eu vou indo, em busca de um sono tranquilo... Quem sabe?...”.

Entre a ironia da vida e a rotina, deparamo-nos no trânsito com o sinal fechado, levando-nos a temer pelo o que poderá nos acontecer.

SENHA DOS SENTIMENTOS

Moacir Araldi retrata, *“Prefiro... gente que tenha a senha dos sentimentos tatuada nas suas ações”*. Acredito que, quando fazemos algo com sentimento, somos especiais. Podemos influenciar com os sentidos desde que não esqueçamos a senha como caminho independente, para não gerar dúvidas e, sim, usar a autoconfiança no buscar novas formas de viver. Em Pedro Du Bois, *“Ordenamos./ Classificamos./ Tornamos os números a invenção / soberana da soberba. Qualificamos as tragédias./ Recordamos os fatores/ ainda não acontecidos. // Aos números recontamos nossas vidas”*.

Com o tempo, a prática e o conhecimento fazem de nós pessoas emocionalmente controladas e fortes, porque aumentamos nosso nível de satisfação pessoal.

Ficamos satisfeitos quando absorvemos a situação e colocamos em pauta o desejo real, para ficarmos concentrados neste mundo de diversidades. Usamos os sentidos para pesar os prós e contras das ações, ao alcançar a condição de pensar com o coração, levando em consideração a intuição. Como diziam os antigos, *“na dúvida escute o seu coração”*. Nas palavras de Virgínia Woolf, *“... sempre na orla do Ser //... Diante da rosa, o ouro, os olhos, uma paisagem / Os meus sentidos registram o ato de desejar, / Desejar ser rosa, ouro, paisagem ou um outro - / reclamando a plenitude no ato de amar”*.

A senha dos sentimentos só adquire quem, em inúmeras ações, contribui para se lapidar emocionalmente. A

ideia é sentir a reação e os reflexos dos outros em nós; dar atenção ao que nossos sentimentos nos dizem. Muitas vezes, a nossa natureza aponta o caminho da sensibilidade, como sinal para a hora de mudar e tornar o momento essencial. Como Leila Mícolis escreve, *“teu exigente sentir / que quanto mais me quer, / me faz ousar descobrir, / criar, moldar, esculpir / mil formas de ser mulher”*.

A senha dos sentimentos é como ter em mãos o impacto da vida: saber o que é importante para preservarmos ou descartarmos. Processo minucioso em que desenvolvemos pessoalmente, para que possamos tomar a direção certa na compreensão do que está em jogo nas nossas vidas.

SEM MEDO

Sentimentos de alegria e tristeza, às vezes, se misturam como desejos ao agirmos com emoção. Assim escreveu Cândido F. Ferreira, *”... Vou mergulhar / sem nenhum medo. / Vou lhe falar / do meu segredo”*.

Reconheço que os sentimentos dependem da situação em que nos encontramos, mas, não podemos escolher só pelos sentidos. Precisamos pensar o que fazer com eles em relação às conquistas, o que não significa não sabermos cuidar de nós mesmos, sem medo. Construímos o viver ao ajustar o olhar na direção certa. Mia Couto expressa, *“A idade é isto: o peso da luz / com que nos vemos”*.

Conversar abrindo o coração, para entender o que acontece ao nosso redor, é atitude para compreender a razão de num minuto estarmos alegres e tristes no outro. Cândido Ferreira questiona, *“... o que fazer / Quando o amor mete medo / um medo escondido, que parece segredo...”*.

Um dos cuidados para agir sem medo é não entrar em conflito com os sentimentos ao nos dedicar ao que nos dá prazer. Outro é ficar longe das situações desagradáveis. Muitas são as alternativas, mas, não podemos confundir valores e comportamentos. Temos poder para decidir, sem medo de ser feliz, qual o melhor caminho a seguir e até nos surpreendemos com a nossa força, como em Cândido Ferreira, *“Não quero mais chorar nem ficar tonto / tento acreditar que já estou pronto / Para recomeçar de um novo ponto. / E outra vez criar um lindo conto”*.

Um ponto é certo, não podemos fugir ao que nos amedronta; precisamos medir os conflitos, atitudes e os valores para impor a nossa posição: triste ou alegre, difícil ou fácil, verdade ou mentira. Assim, trataremos o medo sem desviar da questão principal, podendo analisar as possibilidades e as impressões sentimentais como mero estoque argumentativo e coragem para defender os nossos interesses, ou seja, acordarmos os sentidos para conquistarmos posição melhor no futuro. José Castello retrata, *“A saudade não é a falta do que fomos, mas do que nunca fomos. Diante dela, só temos a palavra, a mentira, a invenção como consolo”*.

SOBRE IDEIAS

Ao defender o que acreditamos, nossas ideias são vistas como questão relacionada à comunicação e aos fatos. Giordano Bruno declara, *“Abençoado aquele que está com a verdade contra a opinião, e não a opinião contra a verdade”*.

Poucos são os que desejam a verdade, porém, a liberdade de pensamento retrata o nosso ponto de vista e, até mesmo, convencemos nossos interlocutores quando nossa ideia produz resultados. Por outro lado, poderá não ser considerada válida por constranger a opinião geral ou simplesmente se diferenciar da atual versão. Walter Lipmann expressa, *“Quando todos pensam da mesma maneira, ninguém pensa grande coisa”*.

Temos muitas ideias que promovem a conclusão e a solução das pendências que nos incomodam. Almejamos o ponto de partida e o de chegada, mas, não devemos deixar a soberba influenciar nossas ideias, pois, sem elas nos tornamos incompletos na avaliação dos atos e no vivenciar o cotidiano; movimento que nos leva ao inesperado: estimular nossa vida social e ser influenciador da correção. Em Claude Bernard, *“Feliz é aquele que sabe ao certo o que procura, porque quem não sabe o que procura, não vê o que encontra”*. Comprometidos, transformamos as nossas ideias em metas para nos envolver com o bem viver, fosse forte laço para com nossos pares.

As ideias partem de teorias, explicativas do ponto de vista e indicadoras dos caminhos a seguir. Através dessa premissa, caminhamos através de novas visões sobre o

(des)conhecido, ou para a recriação do nosso mundo relacional. Armando Oscar Cavana diz que, *... são precisos muitos raios de luz para compor a luz do sol, também são necessárias muitas ciências diferentes para nos darem uma visão do conjunto como conjunto*”.

As ideias, quando boas, fundamentam as teorias e nos obrigamos a nos desfazer das ilusões e das opiniões marcadas e confusas. As realizações ficam em sintonia quando *“aquela”* ideia, que ronda o raciocínio, é colocada em prática. Assim, orgulhamo-nos do que alcançamos e do reconhecimento ao nosso esforço. Nas palavras de Frederico O Grande, *“o prazer maior e mais nobre que nos é dado neste mundo é o de descobrir verdades novas e, depois dele, o de jogar fora velhos preconceitos”*.

SENTIMENTOS II

Estou feliz? Triste? Saudosa? Com vontade de chorar? Confúcio questiona, *“Por que estais chorando, boa mulher? Por que não hei de chorar?”*. Descontar as emoções na vida rotineira não é saudável. Não devo atribuir ao dia a dia o meu infortúnio.

Acredito reconhecer as emoções e sensações de acordo com as características do meu viver, para me permitir uma doce semana de trabalho e satisfação pessoal. Com bom senso e tranquilidade, a vida se torna interessante pelo que oferece através de fatores sociais e psicológicos em que me envolvo, o que me deixa propensa a novas experimentações; assim, posso encontrar prazer e alívio. Darwin revela, *“Que cada homem espere e creia no que puder”*; Isaac Newton diz que, *“o valor da vida não se mede pelo peso das quinquilharias acumuladas”*.

Julgo importante arrumar tempo para conversar e compartilhar meus sentimentos, pois eles estão associados aos momentos de luz e vento. Na verdade, das melhores maneiras de prevenir o stress, a ansiedade e a saudades. Preservando os sentidos como qualidade de vida nos situamos de imediato fora do estado de irritabilidade e, melhor, criamos parcerias e multiplicamos o companheirismo. Rumford expressa, *“Compreender é ver o que os outros não veem, abarcar os fatos em conjunto, desvendando manifestações de um princípio único em fenômeno diversíssimo”*.

Os sentimentos não estão sujeitos ao tempo, nem marcam hora para se manifestarem, em sorrisos ou lágrimas;

mostram o mundo ao redor, onde revelamos nossos ritmos de vida.

A interpretação dos sentimentos se manifesta de acordo com nossas funções: disciplina e rotina. O principal é considerar que o excesso pode trazer incômodos, pois, ao perdermos o controle somos desestabilizados. Por isso, exercitamos os sentidos, engrenagem indispensável para aproveitar a vida. O mundo melhora quando há oportunidade para todos sentirem o brilho da luz e a força do vento, que traz a poeira do viver. Voltaire reflete, *“Já que nascemos para sofrer aprendamos a rir”*.

SENSAÇÕES

Sentada no banco da praça vejo a vida complexa e tensa, razão que me leva à reflexão e ao caminho das sensações até a injustiça turbulenta, a fragilidade do idoso e a consciência de que o mundo está longe do possível e não é suficiente para nós, os idosos. Tomaz Albornoz Neves expressa, *“se a tacada é perfeita, não a sinto minha. O erro sim é sempre meu”*.

Com as carências impostas, procuramos nos equilibrar entre medos, para sermos respeitados com nossas dores e esperanças: procuramos fugir do empobrecimento da formação moral. Nas palavras de Albornoz, *“... Todo o resto é resquício, vestígio, daquela integridade. Eu era eu sem ter ainda vivido. E esse pensamento, ou aquele outro, vem a mim batendo bola...”*.



*Palavras misturadas ao
dia a dia parecem
tempero com cebola,
salsa, vinagre e alho.*

TV

Para Carlos Maria Dominguez, “... atordoados do trânsito; as luzes, os televisores nos bares, achassem no desânimo de seus habitantes o pulmão de onde a cidade extraía o ar para crescer”.

Em bares e restaurantes, televisores ligados deslocam o meu pensamento e o meu interesse que procura o lazer, o sossego e a companhia dos amigos. Como costume dizer, louca por um dedo de prosa, para desanuviar a cabeça do trabalho.

Ouvir a TV em alto som é como se ela se apoderasse dos meus amigos, do meu momento ao mesmo tempo. A programação da TV reflete um mundo transtornado, gerando o inesperado em nosso encontro pelas especulações. Assim, perco a tranquilidade de estar num restaurante para saborear a comida e desfrutar a boa companhia.

Fico irritada com as intenções não declaradas pela TV; sem contar que interfere em nossas vidas pelos debates trazidos em palpites fantasmagóricos sobre a politicagem. Nas palavras de Iara Abreu, “*mundo físico ao nosso redor e um mundo surreal que está dentro de nós...*”.

Sempre reclamo quando chego em algum lugar para me descontraír e a TV está ligada com alto volume de som. Sinto submergir na sombra do desânimo, porque não consigo a atenção do grupo e nem podemos jogar conversa fora. Encontro perdido!

O tempo parece idiotice quando é retalhado o espectro televisivo. Situação que incomoda e atrapalha os bons momentos de convivência.

Incrível como os bares e restaurantes tentam agradar os viciados pela TV. Parece a soma do desconforto e com a desilusão. Ainda em Carlos Maria Dominguez, “... não encontro uma felicidade maior do que percorrer, em poucas horas diárias, um tempo humano que de outro modo me seria alheio.”.

Restaurantes e bares são lugares reservados para a diversão, a experimentação de sabores e até somar o jantar com possível encontro romanceado. Mas, o barulho da TV atrapalha o sentido de convivência das pessoas, que terminam por prestarem atenção apenas nela. Distorce o pensamento e desmotiva o posicionamento inicial da distração com amigos. Situação que não me permito imaginar, nem posso sonhar ao vivenciar tais momentos televisivos.

Danusa Leão lembra que “a imaginação costuma ser melhor do que qualquer realidade.”.

“TUDO VALE A PENA QUANDO A ALMA NÃO É PEQUENA”

Através dos atos, podemos impactar as palavras; influenciar e inspirar as pessoas. Em época de correrias, como a atual, só conquistaremos as pessoas se conduzirmos com consideração as relações pessoais.

O que encontro na vida diária é a insatisfação e a frustração, já no limite da falta de ética e educação nos relacionamentos, desde os profissionais, escolares, amistosos e familiares.

A relação tem se tornado impessoal, sem cordialidade, compreensão e respeito ao próximo, gerando atitudes agressivas que demonstram as singularidades da pior maneira: aquelas que destroem, afligem e falseiam as expectativas, tornando equivocadas as decisões pessoais.

Quando estabelecemos algum vínculo que ultrapassa a capacidade de sermos quem somos, deixamos de lado o que é necessário para os dias atuais: o amor esclarecido das grandes almas, que podem transformar o mundo através dos sentimentos e que nos permite perceber quão perto de nós está o caminho da convivência harmoniosa. Sim, ao nos impor limites para as atitudes “levianas”, percorremos o caminho bifurcado, apenas, entre o valor da ética e da moral, tópicos relevantes no cotidiano.

Assim, aos poucos, atitudes de leveza farão com que a vida nos encante de maneira cordial e honesta, e poderemos refletir sobre nossos hábitos, como a falta de paciência, o apego ao material e ao poder. Poderemos repensar a vida e

analisar o que é importante ao despertar dentro de nós o sentimento e o valor da amizade, as reflexões e os ensinamentos. Em Antonie de Saint-Exupéry, “... se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo...”.

O problema está em que, muitas vezes, os maus hábitos e atitudes nos levam a ver, sentir e interpretar o mundo diferente de como se apresenta. Se dissermos em outro tom, usarmos o bom senso, obteremos o melhor de nós, e entenderemos ser possível viver sem desperdiçar o tempo com ações e atos que não valem a pena e, o principal, entender os sentimentos para percebermos o lado bom da vida, como expressa Fernando Pessoa, “*tudo vale a pena quando a alma não é pequena*”.

TEATRO DO ABSURDO

Samuel Beckett é um dos grandes autores do teatro do absurdo. Penso o absurdo como algo construído e montado artisticamente. Para a minha surpresa encontro o absurdo nas cenas diárias; engulo a indulgência, a ironia e as ideias preconcebidas e preconceituosas.

Vivo e convivo com o absurdo e, por vezes, me calo pelo “absurdo” da situação: exagero nas reações e palavras. Para Leonard Cohen, “... *eles originaram antes que nós fizéssemos/ reféns naquele real campo vazio que povoamos / com as sombras que inquietam nossa paz interior*”.

Comparo à cena de ficção, em que há o absurdo da maldade, da grosseria e do julgar, como a cena assistida num supermercado: “Lugar de velho é em casa”, disse a mulher em alto tom ao meu amigo, que não a permitiu “furar” a fila. Gostaria de não haver presenciado a cena, que representa o teatro do absurdo (dos humores) em que estamos inseridos.

O surpreendente é que noto que os absurdos trazem a referência do lugar de origem, pois, estão inseridos na televisão, estádios de futebol, cinemas, pontos de ônibus e em filas... E, até em escolas.

O que podemos esperar do viver se as pessoas não têm limites e nem paciência para encarar as dificuldades? Cohen questiona, “*quantos mais devem arranhar e escavar o mundo de mil maneiras diferentes só para estabelecer uma mínima conexão com suas próprias vidas?*”.

A tensão entra na cena cotidiana para assinalar a situação e os anseios mudam para pior, gerando insatisfação.

Pergunto, onde está o respeito e a admiração pelo outro, se as pessoas demonstram suas insatisfações no desajustar a expectativa com que buscam nas discussões e cobranças pelo impossível no próximo?

O teatro dos horrores alcança a frustração no relacionamento, quando a competitividade se confunde com o bem viver. Cada vez mais acredito nas atitudes por trás dos hábitos de cada um, que a convivência exige valores e envolve renúncias.

É preciso atingir maturidade e conhecimento, para tolerar e compreender as diferenças nas cenas do teatro do absurdo: preservar o certo em oposição ao errado, o verdadeiro do falso e encarar o quanto isso nos afeta. Estaríamos prontos para participar ou assistir ao teatro do absurdo? Leonard Cohen reflete, *“Há uma luz nua em cada palavra”*.

TOLICES

Sou moderna e atualizada enquanto percorro o caminho para concluir a jornada. Mas, a vida joga o verde para colher o maduro e já não tenho forças para esperar sentada à beira do meu destino. Nas palavras de Walmir Ayala, *“Quanta mágoa / nesta vida). / Vida inútil / tão perdida / tão sem ti...”*.

Sinto que no momento estou cansada e fraca para levar a vida além dos limites dos meus sonhos. Não tenho partida, nem chegada. Seria mera tolice de minha parte? Para Ayala, *“Esperei o momento oportuno / e o desejo me foi negado”*.

Tolice é perceber que nosso amor está vazio, ou tolice é constatar que estou cansada da paisagem moldada pela janela?

Você, por favor, desligue a TV e juntos poderemos aproveitar a noite; abraçar a vida e manter o desvão da porta para espreitarmos a razão. Sem tolices e, mesmo que o nosso mundo seja imperfeito, façamos a nossa história. Walmir Ayala reflete, *“Há uma pressa escondida e inata nessa / amorosa perda, amor, que de repente / te instiga a dar medida ao que não cessa”*.



VIDA A DOIS

Amar e ser amado. Viver ao lado de quem escolho para dividir os momentos, confiar os segredos, revelar as deficiências, dançar e brincar é refletir em palavras o sentimento no dizer ao outro com a linguagem corporal. Rodrigo Petrônio retrata, “... Não há limite certo.../ Desde a manhã do mundo que tua voz prepara / Se nos encontrarmos retornamos a teu seio / Se nos tocamos atravessamos tua pele / Se nos afastamos vamos ao teu encontro / Se nos ignoramos és nosso espelho / Nada mais se separa porque tudo adere...”.

Minuciosamente, a vida a dois é descoberta como movimento nas reações, conversas e até nas discussões, gerando relação em que é possível medir os níveis de confiança e respeito. Entre verdades, as atitudes são demonstrações de amor.

Encontro harmonia nas diferenças com que busco a felicidade na confluência dos interesses: quando penso nele e ele em mim, realizamos nossas diárias ilustrações. Gestos que demonstram dedicação em nossa união. Ou seja, o retorno na sintonia da vida a dois trazendo a conexão entre os sentidos e permitindo que eu possa questionar os nossos sonhos: temos preocupações diárias com o nosso bem estar? Quais os nossos medos? Nossos planos para manter a alegria de amar? Para manter nossa relação, identificamos detalhes que fortalecem o amor e a paixão?

Fujo da dominação que não é bem vinda em nossa vida; não contribui para o que o coração revela e nem harmonia o todo. Como em Rodrigo Petrônio, “Eu me lembro / O Sol se

abriu, unânime sobre nossos dias. / Sentaste no chão entre os lírios de papel enquanto o café interrompia / nossa fala...”

Busco no diálogo a verdade para chegar ao denominador comum. Uso a sinceridade e lembro os gestos no instante amoroso.

Os momentos da vida a dois são medidos pela qualidade do viver ao criarmos espaço para os impulsos e opiniões, culpas e ciúmes. Nenhuma questão é deixada de lado. Todas se encaixam no impacto de abrir o coração para os assuntos que giram em torno da rotina, no vivenciar com atenção e na intenção de simplificar o viver, o que significa acolher e encantar quem amamos. A ideia é tornar a relação equilibrada e criativa para encararmos os dias como fatores de transição.

Assim, ficamos em sintonia para viver as emoções e até imaginamos a importância da nossa cumplicidade; ou esquecemos tudo e vivemos o presente como magia.

As escolhas são o maior presente no viver, que fazemos para nos libertar e entender que podemos ser quem somos. Perceber no olhar do outro a surpresa e o estranhamento quanto à autonomia de cada um ao superar as dificuldades e aumentar a autoestima.

VEXAMES

Ao falar sobre nossas vidas com alegrias e tristezas, vergonhas e afrontação, compreendemos melhor o *porquê*, *como* e *quando* somos o que somos ao lembrarmos os vexames que passamos. Por vezes é divertido e, em outras, melhor o esquecimento. Mas, quando acontece o vexame, temos capacidade para lembrar os detalhes e as expressões do momento e fazemos – juntos – a nossa censura, para que não se repita. Como vexame, conto que no tempo em que a Varig distribuía “*toalhas quentes enroladinhas*” (em formato de canudo) para limpar as mãos antes do lanche, alguém na poltrona ao lado pegou a toalha e a levou à boca, para comer. Olhamos espantados e ele, espirituoso, falou: “*Adoro toalhas quentes!!!*”.

É importante, depois do fato, conversar sobre a situação para podermos nos libertar da situação desastrosa; criticar a nós mesmos torna “*leve*” o momento, dos mais tristes aos de glória.

Quem não passou por vexame em alguma situação na vida? Até Vinícius de Moraes, no antigo programa televisivo Blota Junior, *A palavra é...*, em que o participante que conhecesse a letra da música apresentada, cantava uma parte e ganhava pontos; ao ser anunciada a palavra, *garota*, Vinícius correu ao microfone para cantar *Garota de Ipanema*, de sua autoria. Porém, nela não há a palavra “*garota*”, mas, “*moça*” e “*menina*”. Foi grande o vexame e a decepção do *Poetinha*.

Deslizes podem se transformar em vexames, fazendo-nos refletir sobre o viver e a esperança de superá-los nos próximos eventos.

Proponho olhar para os vexames, com olhos de quem percebe serem apenas momentos equivocados, pois, temos o poder de recriar e modificar a nossa realidade futura.

Na vida não temos condições de controlar tudo e os vexames acontecem como temperos no viver, pois, por mais que tentemos, é impossível prever as circunstâncias e as variáveis no cotidiano. Para Jung, *“O conhecimento não se apoia só na verdade, mas também no erro”*.

VENDAVAL DE INQUIETAÇÕES

Neste mundo em que há muitas correntes ideológicas, com suas várias ramificações, preocupo-me em saber de quantas verdades somos feitos. Porém, escondo o meu espanto ao perceber que devo me preocupar com as tantas mentiras que preciso suportar no cotidiano. São contrastantes as questões. Refiro-me às redes sociais em especial, com os grupos que as utilizam para publicar manifestações sobre o cenário político-social-religioso, contraditórias com suas práticas diárias.

Qual seria a explicação? Não conseguem encontrar a verdade entre as tantas versões dos fatos? Como querem dialogar se usam máscaras de falsidade?

Sou simples; para mim esse comportamento não passa de vendaval de inquietações, desprovido de linha ética de raciocínio, além das más intenções. Mesclam opiniões como contínuos ventos que escondem a verdade pela poeira levantada. Pedro Du Bois retrata, “... desconhecemos da vida o segredo, / das razões, ignoramos estarmos / caminhando sobre nossos passos, / destruindo os rastros que nos trouxeram/ até aqui”.

Seus posicionamentos são ventos batendo portas, inquietações que passam longe do compromisso, do equilíbrio e da sensatez na verdade. É lógica que não pode nos agradar, pois, valemos e somos mais do que a baixa satisfação pessoal pelo TER.

A imagem irreal da situação de anteontem, ontem e hoje, traz aspecto de incessantes delírios, sonhos, fantasias e

sei lá o que mais; mas, no TER é que insistem viver como num vendaval de inquietações. Para Pedro Du Bois, *“vento sem asas / ares movimentados / poeira sobre os olhos / cegos, tempo e espera... // poeira cobre os olhos / fecha os olhos //... no sonho inacabado de espera”*.

Meu pensamento se movimenta no vendaval de inquietações, das mais variadas formas, de maneira que as ideias e os ideais, então, se transformam em camadas de realidade soterradas ao tempo. Nada do que faço ou deixo de fazer diante de tal comportamento e atitudes evita ter de conviver com a falsidade, porque, vivenciar essas situações é misturar as fantasias.

Grito, por que não cortar o mal pela raiz? Por que alimentar o vendaval de inquietações? Nilto Maciel, em seu livro *Estaca Zero*, responde, *“Ó tempo, como passaste ligeiro por mim! E eu nada fiz, a não ser nada. Besteira, o que não morreu não merece choro”*.

VISITA AO CEMITÉRIO

O cemitério é o vidro espelhado em que deixamos a morte. Nele não há trégua, nem palavras. Há sentimento e saudade no resíduo do pranto.

Transitamos caminhos entre os túmulos, com passos lentos, em busca das vozes que ainda guardamos da vida. Mistério que nos leva ao suspiro e silêncio, como em Fernando Pessoa, *“Existe no silêncio uma tão profunda sabedoria. Que, às vezes, ele se transforma na mais perfeita resposta”*.

Visitar o cemitério é juntar pontos entre sombras e realidade; lembranças de que a vida se esgota e se renova. É aprender os caminhos ora de pedras, ora de flores e murmúrios que levam nossas mentes a despertar os sentidos.

Considero o cemitério o contraste que une o vento e a consciência, na incumbência de nos tornar cúmplices na dor ao mistificar o tempo como senhor da vida. Nas palavras de Pedro Geraldo Escosteguy, *“... És o tédio que eu movo / e renovo no tédio. / Quando virás de novo?”*.

OBRAS DA AUTORA

CRÔNICAS:

Amantes nas Entrelinhas
O Exercício das Vozes
Autópsia do Invisível
Comércio de Ilusões
O Eco dos Objetos – Cabides da Memória
Arte em Movimento
Vidas Desamarradas
Entrelaços
Eles em Diferentes Dias
A Linguagem da Diferença

MICROCONTOS:

Espaços em Branco



Catálogo do Projeto Passo Fundo

www.projetopassofundo.com.br



TÂNIA DU BOIS, residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Articulista e cronista; textos em diversos portais, sites e blogs literários. Organizadora e revisora de textos; capista de livros. Participante do Projeto Passo Fundo (RS).

